

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – CAMPUS VII, CODÓ
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

IRLA SOARES MARANHÃO

**FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA
INVESTIGAÇÃO NA ESCOLA SANTA FILOMENA EM CODÓ-MA**

CODÓ, MA
2020

IRLA SOARES MARANHÃO

**FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA
INVESTIGAÇÃO NA ESCOLA SANTA FILOMENA EM CODÓ-MA**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à
coordenação de Pedagogia como requisito para
obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia
pela Universidade Federal do Maranhão, Campus
VII- Codó,

Orientador: Prof. Dr. Luís Henrique Serra

CODÓ, MA
2020

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Soares Maranhão, Irla.

FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS NO ENSINO FUNDAMENTAL :
UMA INVESTIGAÇÃO NA ESCOLA SANTA PILOMENA EM CODÓ-MA /
Irla Soares Maranhão. - 2020.

57 f.

Orientador(a): Luís Henrique Serra.

Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, Codó, Maranhão, 2020.

1. Formação de leitores. 2. Leitura literária. 3.
Prática docente. I. Serra, Luís Henrique. II. Título.

**FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA
INVESTIGAÇÃO NA ESCOLA SANTA FILOMENA EM CODÓ-MA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
coordenação de Pedagogia como requisito para
obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia
pela Universidade Federal do Maranhão, Campus
VII- Codó,

Orientador: Prof. Dr. Luís Henrique Serra

APROVADA EM /__ /__ / 2020.

NOTA _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luís Henrique Serra – UFMA

(Orientador)

Profa. Ma. Regilane Barbosa Maceno – SEDUC/Codó

(examinadora)

Profa. Dra. Cristiane Dias Martins da Costa - UFMA

(examinadora)

Não basta saber ler que 'Eva viu a uva'. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho.

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Nem mesmo todas as palavras que existem podem simbolizar o quanto me sinto grata por concluir mais uma etapa de minha vida. Grata, acima de tudo, a Deus por ter me dado força e determinação para chegar a fase final deste ciclo. Agradeço à minha família: aos meus pais, Almir e Maria das Graças, por me fornecerem todo amparo do qual precisei, por serem a minha inspiração e motivação para seguir em frente sem sequer pensar em desistir e, principalmente por sempre acreditarem em mim e no meu potencial; às minhas irmãs Ivanilde e Itamara por todo apoio prestado em todas as etapas da minha formação, me encorajando e me dando forças para superar todos os entraves encontrados ao longo deste processo.

Agradeço aos meus colegas de turma, principalmente aos meus amigos de luta: Denilson, Evandson, Ana Cláudia e Elaine, por todo companheirismo e ajuda prestada em toda e qualquer situação. Gratidão aos meus queridos professores por compartilharem seus conhecimentos conosco sempre visando o nosso engrandecimento profissional.

Por fim, agradeço a minha pessoa por ter sido resistente a todas as dificuldades que cruzaram meu caminho e por ter tido a fé de que tudo daria certo no final.

RESUMO

O retrato da realidade da leitura no Brasil mostra um número decrescente de leitores profícuos o que por sua vez é uma consequência de um modelo educacional que tem se mostrado ineficaz no que tange à leitura e à escrita. Nessa perspectiva, este trabalho busca compreender o processo educativo no que diz respeito a formação de leitores literários a partir da visão de alguns professores que lecionam nos anos iniciais do ensino fundamental, na escola municipal Santa Filomena em Codó, MA. A partir disso, a pesquisa visa investigar como ocorre o processo de formação de leitores e, sobretudo, o incentivo para a prática de leitura literária dentro de três turmas do ensino fundamental menor, analisando a visão de cada docente entrevistada acerca da importância da inserção da leitura literária dentro da sala de aula. O trabalho tem como base teórica autores cujos trabalhos se voltam para a leitura e para a formação de alunos leitores, dentre eles Coelho (2000), Cosson (2014; 2019), Cunha (1999) e Silva (1998; 2008) entre outros. A partir dos pressupostos apresentados por estes autores, busca-se analisar a formação de leitores na cidade de Codó a partir de um viés teórico-metodológico, comparando teoria e prática a fim de identificar os principais fatores que incidem na realidade da formação de leitores no Brasil. Os dados mostram que existem algumas problemáticas ainda vigente no lócus da pesquisa, assim como existem ideias e práticas importantes para mudar o quadro da sala de aula no que se refere à formação de leitores e escritores.

Palavras-chave: Leitura literária. Formação de leitores. Prática docente.

ABSTRACT

The portrait of the reality of reading in Brazil shows a decreasing number of regular readers, which in turn is a consequence of an educational model that has been shown to be ineffective in terms of reading and writing. In this perspective, this work seeks to understand the educational process with regard to the formation of literary readers from the perspective of some teachers who teach in the early years of elementary school, at the municipal school Santa Filomena in Codó, MA. Based on this, the research aims to investigate how the process of training readers and, above all, the encouragement and practice of literary reading within three classes of lower elementary education, analyzing the view of each teacher interviewed about the importance of inserting literary reading within the classroom. The theoretical basis of the work is the authors whose works focus on the reading and training of student readers, among them Coelho (2000), Cosson (2014; 2019), Cunha (1999) and Silva (1998; 2008). Based on the assumptions presented by these authors, I seek to analyze the formation of readers in the city of Codó from a theoretical-methodological perspective, comparing theory and practice in order to identify the main factors that affect the reality of the formation of readers in Brazil. The data show that there are some problems still in force at the locus of the research, as well as there are important ideas and practices to change the framework of the classroom with regard to the training of readers and writers.

Keywords: Literary reading. Training of readers. Teaching practice.

LISTA DE SIGLAS

HP – Horário pedagógico

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

MEC – Ministério da Educação

PCN – Parâmetro Nacional Curricular

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

PNBE – Programa Nacional Biblioteca na Escola

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

PNLL – Plano Nacional do Livro e Leitura

UFMA – Universidade Federal do Maranhão

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – perfil das professoras.....21

Quadro 2 – resposta dada pelas professoras informantes.....24

SUMÁRIO

FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA INVESTIGAÇÃO NA ESCOLA SANTA FILOMENA EM CODÓ-MA.....	1
FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA INVESTIGAÇÃO NA ESCOLA SANTA FILOMENA EM CODÓ, MA	2
FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA INVESTIGAÇÃO NA ESCOLA SANTA FILOMENA EM CODÓ, MA	4
1. INTRODUÇÃO	11
2. DIÁLOGOS SOBRE LITERATURA E A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO 14	
2.1 Leitura na escola.....	14
2.2 Letramento literário.....	18
2.3 Formação de leitores	22
2.4 Literatura para quê?.....	25
2.5 Literatura infantil	28
3. MÉTODOS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA: A COLETA E TRATAMENTO DOS DADOS.....	32
4. LEITURA NO COTIDIANO ESCOLAR: LANÇANDO OLHARES E REFLEXÕES SOBRE O DISCURSO DOS PROFESSORES.....	35
4.1 Discussão dos dados	47
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55
APÊNDICES.....	57
APÊNDICE A – Questionário utilizado na pesquisa	57

1. INTRODUÇÃO

A leitura pode ser considerada como um mecanismo de inserção social e nessa perspectiva é necessário compreendê-la como um ensino indispensável na formação escolar de um indivíduo. O ensino de leitura e escrita precisa ser priorizado dentro das escolas, sobretudo nos anos iniciais, visto que é a partir de uma prática frequente que se formam leitores que leem não apenas por obrigação, mas por lazer, informação, dentre outros motivos.

A formação de leitores no Brasil é uma questão que precisa ser discutida com mais frequência e rigidez, considerando a realidade dos alunos da rede pública de ensino, que mostra que o número de leitores está cada vez mais reduzido.

A prática de ler atualmente transcendeu a sua utilidade unicamente escolar, passando a ser vista a partir de uma visão formativa, ou seja, as pessoas leem para se informar, para compreender e interagir com o mundo a sua volta. Considerar a leitura a partir de uma perspectiva social implica em dizer que não basta apenas decodificar letras, mas compreender a função da leitura dentro da sociedade.

A literatura enquanto uma categoria de leitura também precisa ser compreendida a partir de um viés socialmente relevante. Percebemos que, no âmbito escolar, a literatura costuma ser trabalhada com pouca frequência, ou seja, a leitura literária não ocupa um espaço relevante no currículo das séries iniciais do ensino fundamental. Muitas vezes, essa realidade se dá pelo fato de os gestores e professores não compreenderem a amplitude da leitura literária, ou seja, a leitura literária não está apenas nos livros tradicionais de literatura canônica, mas também em muitas outras categorias que podem ser adaptadas e trabalhadas em sala de aula independentemente da série ou ciclo escolar. Nesse contexto, Cosson (2019, p. 18) lembra que “há muitas outras narrativas que, combinando imagens, sons e palavras (escrita ou falada) também participam em diferentes graus e maneiras da literatura”, nesse caso é importante compreender que a literatura faz parte do dia-a-dia, mas não apenas em forma de livros, mas em muitas outras faces que podem e devem ser exploradas dentro da sala de aula.

Há uma necessidade crescente quanto ao reconhecimento da literatura dentro das escolas públicas. A valorização da leitura e, sobretudo da leitura literária, como instrumento social, nem sempre é dada dentro de instituições pertencentes a cidades com pouco ou nenhum acesso fácil à livros, bibliotecas, eventos literários etc.

Para compreender o cerne desta questão da formação de alunos com pouco interesse pela prática de ler, devemos buscar conhecer as estratégias utilizadas dentro das escolas e, principalmente dentro das salas de aula. A forma como o aluno percebe a leitura dentro de sua realidade não só escolar, mas também social, está diretamente ligada às abordagens utilizadas pelas escolas e pelos professores para ensinar e incentivar a leitura.

Para entender a realidade de uma comunidade escolar, é necessário conhecer a visão de cada profissional ligado à formação dos alunos. No caso do ensino da leitura e da literatura, devemos entender como cada docente promove o contato do aluno com a leitura literária, quais os métodos que utiliza e, principalmente, qual sua visão sobre a relevância da leitura literária em um patamar social.

Em linhas gerais, esta pesquisa busca compreender e apresentar os retratos da leitura no Brasil, partindo de uma discussão ampla que envolve elementos para além da leitura em sala de aula, dialogando com leitura e a literatura em níveis sociais. A partir daí, a pesquisa parte para um recorte de espaço, nesse caso, pesquisando sobre a realidade da formação de leitores literários na rede pública de ensino da cidade de Codó, Ma.

A realidade da leitura e da formação de leitores literários na cidade de Codó se estende para uma discussão que envolve não apenas professores e alunos, mas também todo o corpo escolar. De qualquer modo, o foco desta pesquisa está voltado majoritariamente para o âmbito da sala de aula, a fim de compreender onde começam as dificuldades que resultam na formação de alunos que não se sentem familiarizados com a leitura e ainda menos com a leitura literária.

Em uma sociedade em que a busca pela leitura e pela literatura está tão escassa, faz-se necessário desenvolver estudos e pesquisas que retratem essa realidade buscando apresentar uma justificativa plausível para esses fatos. O professor não é o único responsável pela formação de um aluno, isto é fato, mas é a partir da concepção de ensino de cada professor que podemos compreender como se faz a educação ou como esta deve ser feita. É partindo da visão de um professor que se pode chegar ao âmago dos problemas educacionais. Isso não significa que os docentes sejam responsáveis por tais problemas, ao contrário: significa dizer que somente os professores conhecem tão profundamente a realidade de uma sala de aula a ponto de serem capazes de apontar onde e o que está faltando melhorar.

É a partir desta perspectiva que este trabalho busca apresentar as diferenças existentes na maneira que alguns professores enxergam e atuam sobre o processo de ensino, sobretudo, o processo de ensino da leitura literária, travando uma discussão sobre

como cada uma das estratégias utilizadas por cada docente entrevistada pode contribuir para a evolução ou para estagnação da formação de leitores literários na cidade de Codó.

2. DIÁLOGOS SOBRE LITERATURA E A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

2.1 Leitura na escola

Para entender a problemática de se formar grandes leitores no Brasil, faz-se necessário abordar a temática do ensino de maneira geral. Dados apresentados pelo Ministério da Educação (MEC), através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), apontam que 8,7% dos brasileiros estão em condições de analfabetismo, ou seja, um número significativo de pessoas sequer conhece o alfabeto, o que é um dado alarmante visto que o Brasil é um país de grande porte econômico, social e geográfico. Esse cenário reflete significativamente na realidade do brasileiro enquanto leitor.

De acordo como o Instituto Pró-Livro, através da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, em 2015, 44% dos brasileiros se consideraram não-leitores, ou seja, quase metade da população afirmou que não havia lido um livro nos últimos três meses. Esses dados demonstram que, mesmo com a baixa na porcentagem de analfabetos, a prática leitora dos brasileiros continua defasada. De um modo geral, o brasileiro jovem passou a ler apenas para avançar nas séries escolares e, muitas vezes, não chega nem a isso.

A disciplina de Língua Portuguesa na educação básica tem entre suas principais finalidades o ensino da leitura e escrita, ocupando uma posição de extrema relevância na que diz respeito à formação integral do indivíduo (BRASIL, 1997). Espera-se que, nas aulas de língua portuguesa, seja incitado o desenvolvimento da comunicação oral e escrita do aluno a fim de contribuir para além da formação acadêmica, se expandindo para a formação social e humana.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de Língua Portuguesa apontam para a necessidade do aprofundamento quanto ao ensino desta disciplina, no que tange à dimensão do ensino de leitura e escrita, pois, segundo o documento supracitado, o uso da linguagem implica em uma plena inserção social, visto que é a partir do domínio de tal habilidade que o indivíduo desenvolve suas relações por meio da interação, compreensão e leitura de mundo (BRASIL, 1997).

A escola é, sem dúvidas, o ponto de partida para a formação de um cidadão com habilidades que o levem a uma proeminência social. Nesse sentido, ao considerarmos a escola como formadora intelectual e social, devemos analisar como esse papel está e estar sendo desenvolvido de modo que seja possível alcançar os objetivos desejados; para tanto, faz-se necessária uma análise estratégica sobre alguns pontos que atuam ou interferem no processo de formação do aluno. No que tange à questão de formação leitora,

é necessário que se tenha um panorama de como a instituição escolar promove o desenvolvimento das habilidades leitoras.

O desenvolvimento da prática leitora está condicionado ao modo como a escola se posiciona em relação a essa temática. As medidas adotadas pela instituição escolar podem tanto incentivar quanto desmotivar os alunos para à prática de ler, desencadeando em uma conseqüente relação – boa ou ruim – com os livros e com a leitura em geral (KLEBIS, 2008).

O ambiente escolar deve propiciar os meios para que o aluno desenvolva suas habilidades leitoras. Sabe-se que toda e qualquer habilidade se desenvolve a partir de uma base, ou seja, o indivíduo costuma tomar como exemplo o ambiente e os outros indivíduos pertencentes ao seu círculo de convivência. No que diz respeito à leitura, essa condição torna-se ainda mais importante, pois quando o indivíduo dispõe de incentivos e de um meio social em que a leitura é uma prática comum e de destaque, tem uma maior probabilidade de desenvolver não só a habilidade de ler, mas também o gosto pela leitura. Segundo Klebis (2008, p. 35),

crianças que convivem com adultos leitores, entre livros e discussões acerca das leituras que os adultos fazem, que são embaladas por histórias ao pé da cama antes de pegar no sono, obviamente crescem em condições mais favoráveis à construção de uma relação positiva e familiar com os livros e leituras para o “envolvimento”. (KLEBIS, 2008, p. 35, grifo original)

Ou seja, a convivência em um ambiente no qual é proporcionado o contato com a leitura e para além disso, é desenvolvido uma familiaridade, um “gostar” da leitura, e isso contribui significativamente para a formação do indivíduo/aluno/ leitor.

Nessa perceptiva, podemos notar que o processo de formação do aluno leitor trata-se ainda de uma junção entre os grupos sociais nos quais o aluno está inserido, ou seja, estes grupos sociais desempenham papéis de grande relevância para o êxito da formação do aluno enquanto leitor. Apesar disso, Klebis (2008, p. 37) nos diz que “ainda que a escola não seja a única instância responsável pela dinamização das relações entre os sujeitos e os objetos culturais, seu papel na construção dessas relações é primordial, de modo que não podemos pensar a leitura sem considerar o papel da escola”.

Embora muito se fale nessa necessidade de incentivo à leitura e da formação do aluno leitor, pouco se vê na prática dentro da realidade das escolas públicas brasileiras. A realidade é que o objetivo da maioria das escolas públicas, no que tange ao ensino de língua portuguesa, não está pautado no ensino de leitura e na formação de alunos leitores.

A escola não tem dado a ênfase necessária para o ensino de leitura, voltando todos seus esforços apenas para o ensino da gramática normativa (FERRAREZI-JÚNIOR, 2017).

Esse déficit no trabalho com a disciplina de língua portuguesa desencadeia consequências que refletem na realidade dos sujeitos, visto que a leitura se configura não apenas como um instrumento pedagógico, mas também como um instrumento de participação social, ou seja, ler é ser capaz de compreender e analisar o texto lido de modo crítico, relacionando-o com a realidade social vivida. Quando não se ensina a leitura com este intuito, o aluno torna-se apenas um decifrador de letras apresentadas em um texto qualquer.

Nos casos em que a escola não se preocupa em apresentar o ensino de uma leitura crítica para uma formação social, “os alunos avançam nas séries escolares sem desenvolver a competência leitora como um todo, são inábeis para ler o mundo, para ler os textos e, principalmente, para fazer uma relação inteligente entre o mundo e o texto” (FERRAREZI JÚNIOR, 2017, p. 23).

A leitura em sua configuração social desempenha o papel de formadora da personalidade de um indivíduo capaz de se moldar a partir das necessidades do ambiente social do qual é participante. Para Cosson (2019, p. 46), “ler é hoje tão vital quanto era rezar na Idade Média. Para além da tecnologia da escrita, ler atualmente pertence tanto à ordem do que fazemos quanto à ordem do que somos”. Ler é muito mais do que apenas uma prática acadêmica, é uma prática social.

Embora se reconheça a formação leitora tal qual a formação social, essa formação se concretiza e solidifica dentro do ambiente escolar. A instituição escolar ainda se configura como a principal personagem no processo de formação do sujeito leitor, no entanto ao analisarmos o quadro de desenvolvimento de leitura no país, nos deparamos com uma realidade a qual nos faz questionar se a formação leitora dos alunos está sendo realmente desenvolvida dentro do ambiente escolar. A leitura na escola possui sempre o propósito de uma explicação escrita daquilo que foi lido, ou seja, o aluno lê apenas para que possa responder provas e questionários posteriores, exigidos pelo professor (KLEBIS, 2008).

Nesse sentido, ao sugerir que os alunos leiam unicamente para fins de resolução de atividades acaba desenvolvendo no mesmo uma certa repulsa, visto que ao ler, o aluno irá associar tal ato com uma prática forçada resultando no desinteresse pela leitura. Muitos professores veem o ato de “ler apenas por ler” como um desperdício, segundo Klebis

uma aula de leitura que não tenha outro propósito senão o de proporcionar um contato com os textos, de aproximar livros e leitores para que aqueles sejam “sentidos” por estes, uma aula em que tão-somente se lê, não é considerada, na opinião de muitos professores, uma “aula de fato (SILVA et al., 2008, p 38).

Visto isso, podemos notar que a partir desta visão, os professores passam a tornar a relação dos alunos com os livros e com a leitura ainda mais distanciada, acarretando numa conseqüente formação incompleta do aluno.

Apesar de reconhecermos a influência do posicionamento do professor frente ao processo de formação do aluno leitor, não podemos atribuí-los toda a responsabilidade na ineficiência deste processo formativo. A responsabilização por tais resultados é extremamente ampla, a escola enquanto espaço tido como “ideal” para o desenvolvimento da prática leitora deve promover a acessibilidade dos alunos aos livros e textos existentes na instituição. Muitas vezes, a escola não dispõe de bibliotecas (no que se refere a um espaço especificamente voltado para a prática de leitura), dispondo apenas de acervos os quais os alunos não possuem acesso, e, nesses casos, cabe à escola propiciar momentos frequentes nos quais os alunos possam de fato ter contato com os livros. Quando possuem esse espaço de leitura (biblioteca), a escola não se preocupa em analisar se este espaço está realmente sendo utilizado, e se não está buscar encontrar o porquê disso. Para Klebis (2008, p. 38) “a biblioteca é um dos espaços mais importantes à iniciação de leitores”, todavia, este espaço em sua maioria não é considerado como algo convidativo e muitos menos atraente para aqueles que ainda estão iniciando a vida leitora (KLEBIS, 2008).

Para a formação leitora do aluno deve-se considerar além do papel do professor e da escola, o do Estado. Embora a escola desenvolva projetos autônomos para o incentivo à leitura, é necessário que haja um incentivo por parte do governo através das políticas públicas. As discussões sobre o processo de formação do leitor devem ser abrangentes, visto que se trata não apenas de uma discussão acadêmica, mas também de uma discussão social e política, pois como apresenta Pszczol (2008, p. 13), “esse é um tema que cabe ao Estado e à sociedade, mas é o Estado que deve garantir e definir uma política nacional de incentivo à leitura”.

O Estado atualmente dispõe de políticas de incentivo à leitura como pro exemplo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola) e PNLL (Plano Nacional do Livro e Leitura), todavia, a pouca eficácia de tais projetos está relacionada ainda com uma construção social que define nossa sociedade como “não leitora” (KLEBIS, 2008). Assim, para a efetivação da formação do aluno

leitor, a escola precisa promover tanto o acesso quanto o incentivo à tal prática, alicerçada em políticas promovidas pelo Estado.

É inegável a importância dessa articulação entre governo e escola em prol da formação de um indivíduo com habilidades leitoras, no entanto, como já citado, o papel da escola e, sobretudo, do professor, tem destaque nesse processo formativo.

É de extrema importância que a escola assuma seu papel de formadora, de modo que passe a analisar e reformular suas estratégias para o incentivo da prática de ler. Pois se os alunos estão saindo da escola e tornando-se indivíduos não-leitores é também reflexo das práticas dos docentes e, sobretudo, das instituições escolares que deixaram de alimentar, nos alunos, o gosto pela leitura (KLEBIS, 2008).

Uma instituição escolar que busca incentivar e acessibilizar a leitura dentro de suas salas de aula, forma alunos e indivíduos aptos para a vida em sociedade, capazes de elevar a leitura em seu nível social, utilizando-a como objeto de ascensão na comunidade em que está inserido.

2.2 Letramento literário

Em todas as discussões cujo assunto está centrado no fazer educativo, é sempre unanime a afirmação de que a leitura é, sem sombra de dúvidas, um mecanismo de extrema importância no processo formativo do aluno, e de fato é. Entretanto, o que normalmente não se discute são os tipos de leituras a serem levadas para a sala de aula e os usos que o indivíduo faz (ou pode fazer) dessas leituras.

Vivemos em uma sociedade em que o domínio das habilidades de leitura e escrita torna-se pré-requisito para a plena participação social. Não se tratando apenas de alfabetizar um indivíduo, mas também de letrar.

Falar sobre letramento é uma tarefa bem complexa, em linhas gerais podemos defini-lo a partir do conceito apresentado por Soares (2009, p. 18) que define o letramento do seguinte modo: “letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. Nesse sentido, podemos dizer que letramento é fazer o uso da leitura e da escrita de modo que estas modifiquem o seu estado ou condição atual dentro de uma sociedade, em outras palavras podemos dizer que é, também, fazer o uso da leitura e da escrita em um contexto social.

Partindo deste conceito geral sobre letramento, é possível alcançar a definição para o termo “letramento literário”, o que é definido por Silva e Silveira (2013, p. 96)

como “estado ou condição de quem não apenas é capaz de ler texto em verso e prosa, mas dele se apropriar efetivamente por meio da experiência estética; saindo da condição de mero expectador para a de leitor literário”, o que implica dizer que o leitor letrado possui não somente a capacidade de ler o texto literário, mas de fazer a interpretação desse texto, de modo a fazer equivalências com a realidade.

A leitura literária é um seguimento de leitura extremamente válido quando o assunto é leitura formativa. Cosson (2019, p. 50) destaca que “a leitura literária conduz a indagações sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o diálogo com a literatura traz sempre a possibilidade de avaliação dos valores postos em uma sociedade”, isto nos permite enxergar o texto literário como algo que possui uma finalidade tanto acadêmica quanto social.

Cosson ainda nos apresenta a ideia de que o letramento literário é um tipo de letramento a ser desenvolvido no ambiente escolar:

devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização (COSSON, 2014, p. 23).

A partir desta constatação de Cosson, percebe-se que a escola como uma das principais instituições formadoras do indivíduo social, deve fazer o uso da literatura como um instrumento para contribuição dessa formação social.

Apesar de provada a relevância da literatura na formação do aluno, a realidade que encontramos é uma grande relutância quanto ao estudo do texto literário, tanto por parte dos alunos quanto da escola e da sociedade, que enxergam a Literatura como desnecessária e sem validade (COSSON, 2014). Esta situação, por vezes, torna a leitura literária uma prática ainda mais superficial no ambiente escolar e fora dele, descaracterizando o seu valor formativo e social.

A importância da literatura dentro da sala de aula (e fora dela) se dá justamente pelo fato de que induz o leitor a refletir sobre o texto de modo que essa reflexão o leve, de certa forma, a constatações sobre sua realidade. Conforme aponta Cosson (2014, p. 12) “o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio”. Compreender que a literatura faz parte de um processo

de letramento requer também a compreensão de que o estudo sobre tal disciplina exige alguns pré-requisitos, como, por exemplo, o domínio da leitura. Para que ocorra este domínio e o efetivo convívio do leitor com a literatura é necessário que cada texto literário esteja adequado para a faixa etária a qual se destina, para que então o aluno\leitor alcance o status de leitor fluente (COELHO, 2000).

O letramento literário exige um processo de compreensão da literatura, compreender seus espaços, suas leituras, suas configurações. Cosson (2019, p. 23) diz que “a literatura vai muito além do cânone”, isto é, o literário é muito mais do que apenas a literatura clássica apresentada em livros. Essa compreensão acerca da literatura pode oferecer uma grande contribuição no processo de formação do aluno letrado em literatura. Um grande entrave encontrado no ensino a partir do estudo de textos literário é justamente a negação do aluno quanto a leitura de textos e livros da literatura canônica. Tal recusa se dá, principalmente, por conta das dificuldades encontradas no vocabulário, nos temas e na complexidade dos padrões narrativos (COSSON, 2019).

A mediação do professor é um mecanismo que pode influenciar diretamente no interesse ou desinteresse do aluno pelo texto literário. Sabemos que antes de buscar desenvolver o letramento literário no aluno, é necessário fazer com que o aluno leia e de fato se interesse pela prática de ler. Nessa perspectiva, o papel do professor é justamente promover o contato do aluno com a literatura, seja por meio do texto\livro literário ou por meio de algumas de suas diversas configurações.

O desenvolvimento do letramento literário não depende inteiramente das capacidades intelectuais do aluno. Assim como o processo de alfabetização necessita da mediação de um professor para que ocorra, o letramento também necessita seguir muitas etapas para atingir o objetivo principal, para tanto faz-se necessária a intervenção de alguém (neste caso, o professor).

Gostar de ler não é uma característica que se desenvolve instantaneamente, é preciso que haja uma prática para se construir uma familiaridade com os livros e com a leitura. Nessa perspectiva, o papel da escola e, sobretudo, do professor, torna-se proeminente, visto que para muitos é somente no ambiente escolar onde o contato com a leitura de fato se concretiza (SILVEIRA; BATISTA, 2019). A necessidade de que o aluno aprecie a prática de ler se dá pelo fato óbvio de que se o aluno não gosta do que ler, tampouco vai se dar o trabalho de analisar, interpretar e relacionar a leitura com o seu mundo, tornando assim impossível a utilização social da leitura e da escrita, atravancando a sua formação letrada.

Muitos são os meios para se desenvolver as competências leitoras do aluno. No que se refere à capacidade de interpretação e análise dos textos, o processo de leitura deve estar pautado principalmente na interação e no diálogo entre leitor e texto. Mediar a leitura não significa apenas ler para os alunos, o professor necessita buscar a interação do aluno com o texto de modo que este compreenda o significado da leitura feita e possa analisá-la de forma crítica, assumindo uma posição em relação à ideia apresentada.

Para Silveira e Batista (2019, p. 55), “deveríamos levar nossos alunos a perceberem os textos literários como apelos que se dirigem a eles, leitores, esperando por sua resposta e inclusive considerando-a antecipadamente”, ou seja, o professor precisa abordar os textos literários de modo a apresentá-los aos alunos como uma fonte de diálogo, de comunicação e como todo processo comunicativo, este também exige além do emissor e da mensagem emitida, o ouvinte e a resposta dele.

Estimular a capacidade discursiva e comunicativa dos leitores\alunos é, sem dúvidas, o primeiro e mais importante passo para a construção de indivíduos literariamente letrados. A partir do desenvolvimento desta capacidade de comunicação e interação com o texto, espera-se que o aluno leitor consiga apropriar-se da literatura e do texto literário como uma ferramenta de enriquecimento intelectual e cognitivo, transportando os conhecimentos adquiridos para uso social como forma de alavancar seu crescimento dentro da comunidade na qual encontra-se inserido.

Ainda de acordo com Silva e Silveira (2013, p. 94) “a literatura não faz o homem melhor e nem pior; mas o humaniza em sentido profundo, porque o faz viver com todas as contradições e vicissitudes que a vida oferece”, a partir deste destaque feito pelos autores, podemos afirmar que o leitor literário adquire a capacidade de lidar com situações reais com base nas experiências vividas a partir das suas leituras ficcionais.

Com isto é possível reiterarmos o valor da leitura literária e da literatura dentro da sociedade, visto o seu papel formador, socializador e humanizador. O letramento e também o letramento literário são uma demanda inerente ao processo formativo do aluno, uma vez que estas habilidades norteiam a capacidade do indivíduo se apropriar do seu espaço dentro de uma sociedade. A escola enquanto principal promotora do desenvolvimento integral dos indivíduos necessita estar disposta a utilizar todos os recursos necessários ao desenvolvimento de suas habilidades leitoras e, principalmente, de suas habilidades letradas.

2.3 Formação de leitores

Ler é uma habilidade imprescindível para que o indivíduo desenvolva com destreza as práticas sociais necessárias para o dia-a-dia. Como sabemos, o processo de formação de indivíduos leitores engloba todos os grupos sociais nos quais ele está inserido, trata-se de uma espécie de “contrato” entre a família, a escola e a sociedade no geral.

Formar leitores é uma tarefa de extrema necessidade atualmente. Todavia, é importante destacar o que caracteriza de fato um “leitor”. Azevedo (2004, p. 1) define que “leitores podem ser descritos como pessoas aptas a utilizar textos em benefício próprio”, ou seja, o indivíduo ao utilizar um texto para obter informações, conhecimentos ou simplesmente por lazer este pode ser considerado como leitor.

Como já citado, a formação de alunos leitores requer uma articulação entre grupos sociais, ou seja, a partir desta afirmativa é possível ratificar que alunos que possuem um alicerce, no que diz respeito à leitura, tendem a desenvolver-se com maior facilidade do que os que não possuem incentivos fora dos muros escolares. Apesar desta realidade inerente ao processo de formação de indivíduos leitores, é possível que esta formação se concretize a partir de práticas realizadas dentro do ambiente escolar. Embora o educando não disponha de incentivos ou de “espelhos” de leitores em outros ambientes que não o escolar, é provável que o professor e a instituição escolar consigam reverter o quadro de “não leitores” ou de alunos que não gostem de ler.

Para Barroco (2004, p. 123), “é fundamental termos consciência que não se nasce leitor e que nunca se está completamente formado”. A partir disto, podemos afirmar que a formação de leitores é um processo contínuo que necessita ser trabalhado constantemente.

Dentro do ambiente escolar, o desenvolvimento das habilidades leitoras se dá, principalmente, a partir da mediação do professor, o que exige que o profissional docente tenha familiaridade e habilidade com a leitura, tornando o processo de formação mais eficiente.

A necessidade da formação de leitores é uma demanda inerente a todos os ciclos escolares, devendo ser iniciada nos primeiros anos de escolarização e se estendendo até as salas de aulas do ensino superior e formação docente, pois é importante frisar que o aspecto condicional para a formação leitora de um aluno é o fato de o educador também ser leitor ou leitora, pois caso contrário todo e qualquer recurso utilizado será ineficaz.

Nos anos iniciais, a leitura quase sempre está pautada na utilização de textos imagéticos ou lidos por terceiros, ou seja, a leitura está mais voltada pro ouvir do que pro ler de fato. Ainda que pareça ineficaz a apresentação da leitura nestas modalidades, estas muito contribuem para o desenvolvimento da leitura dos alunos. Mesmo que o aluno não consiga ler alfabeticamente, este consegue compreender a história apresentada, por meio da escuta e das leituras das imagens presentes no texto (SOUZA; SERAFIM, 2012).

O professor, enquanto mediador, necessita buscar estratégias que favoreçam o desenvolvimento das habilidades leitoras. Segundo Freitas (2012, p. 68), “mediar o desenvolvimento da leitura é exercitar a compreensão do aluno, transformando-o de leitor principiante em leitor ativo”. Visto isso, é importante que o professor mediador busque utilizar métodos que estimulem não somente a leitura, mas também uma compreensão e, por conseguinte, uma reflexão sobre o texto lido.

Sabemos que a leitura está intrinsicamente relacionada com a visão de mundo. Sabemos também que, em todo e qualquer processo de formação de um indivíduo leitor, é importante que o seja considerada a “bagagem” de conhecimento que o aluno carrega. Nesse sentido, é importante destacar um aspecto de extrema importância no processo de mediação da leitura, trata-se do fato de que o professor mediador deve considerar a visão de mundo que o aluno já traz consigo, ou seja, os conhecimentos e saberes que o aluno já adquiriu previamente. Sobre isso, Souza e Serafim (2012, p. 19) nos dizem que

é imprescindível o papel do conhecimento enciclopédico, ou conhecimento de mundo, da criança, uma vez que, em se tratando de leitores novatos, com pouca experiência na cultura letrada, esse tipo de conhecimento pode estar muito aquém das exigências que a compreensão do texto impõe. É justamente nessas circunstâncias que a mediação do professor pode ser decisiva.

Nessa perspectiva, podemos categorizar o papel do professor mediador como decisivo para o processo de formação leitora, visto que este possui a responsabilidade de construir um elo entre a leitura de mundo e a leitura da palavra.

A interação entre aluno e professor é uma característica que facilita o processo de formação leitora. Para Fernandes (2012, p. 219), “é preciso buscar menos rigidez e formalidade nos processos interativos com os alunos”, ou seja, é importante que o professor enquanto mediador busque manter uma interação com o aluno para que através dessa interação o professor possa desenvolver no aluno habilidades críticas a partir da conversação e análise sobre o texto.

A mediação do docente é fundamental para que ocorra o diálogo entre leitor e texto, para tanto é importante que o professor disponha de habilidades que facilitem o trabalho como mediador, a utilização de abordagens que visem melhorar e aprimorar a prática de leitura dos alunos, levando-os a desenvolverem o gosto por tal prática. Viccini (2011) apresenta as rodas de leitura como uma das estratégias que podem ser utilizadas como uma prática de desenvolvimento das habilidades de leitura por meio do prazer em ler. A partir de tal estratégia, é possível que o professor mediador promova a interação entre os leitores durante a leitura, e, com isso, tornar o ato de ler não apenas uma obrigação em sala de aula, mas uma forma de lazer.

Devemos destacar a relevância do aspecto da leitura subjetiva do aluno, ou seja, o professor mediador deve considerar que em uma leitura compartilhada cada aluno terá a sua própria interpretação do texto lido, cabe ao docente oportunizar a cada aluno o espaço para suas explanações, promovendo assim um diálogo entre os leitores (VACCINI, 2011).

Dado o papel do professor enquanto mediador no processo de formação do aluno leitor, devemos destacar ainda o papel que desempenha a instituição escolar. Segundo Barroco (2004, p. 125) “desde sempre se associou a escola à leitura. E é, por norma, nesta instituição que se adquire a capacidade de ler”, nesse sentido, tendo a escola como principal (embora não único) espaço para a aprendizagem da leitura, podemos contemplá-la como o ambiente ideal para que se consiga atingir o objetivo de formar indivíduos não somente com aptidão para ler, mas que de fato tenham interesse e gosto pela leitura.

Oportunizar o acesso e contato com os livros de maneira que os alunos possam praticar a leitura em ambientes que, de fato, os estimulem a ler é um dos primeiros passos a serem dados pela instituição escolar que visa formar, exitosamente, indivíduos providos de habilidades leitoras. A disponibilização de bibliotecas e acervos é uma ação que tem grande utilidade nesse processo de incentivo à leitura, apesar desta constatação parecer um pouco óbvia. Na realidade, o que se tem são escolas que possuem espaços com acervos ou possuem bibliotecas, no entanto, não dão oportunidade para que os alunos possam utilizar estes espaços. Sobre isso, Klebis (2008, p. 35, grifo original) diz que “o sistema público de ensino pouco tem se empenhado, pelo menos não ainda de maneira visível, no ‘envolvimento’ dos estudantes com os livros, com a biblioteca, enfim, com a leitura”.

Do ponto de vista pedagógico, a utilização das bibliotecas (ou espaços semelhantes) não se restringe apenas às aulas referentes a disciplina de língua portuguesa, visto que a leitura se configura com uma prática de natureza transversal, podendo assim ser articulada e trabalhada, também, nas demais disciplinas (BARROCO, 2004).

Como ressaltado por Lombardi e Arbolea (2006, p. 3), “a escola precisa formar um leitor competente”, para que isso seja possível, é fundamental que se adote estratégias capazes de suprir as necessidades existentes no que diz respeito à formação do aluno leitor. Como citado anteriormente, a flexibilização ou a transversalização da leitura deve ser considerada como uma saída bastante exitosa, pois como também ressalta os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)

Cabe, portanto, à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar e, mesmo assim, não consegue manejar, pois não há um trabalho planejado com essa finalidade (BRASIL, 1997, p.26).

A instituição escolar precisa compreender a posição que a leitura ocupa no processo de ensino e aprendizagem, de modo que esta possa tornar-se responsabilidade dos professores de todas as disciplinas não somente do professor de língua portuguesa.

Formar leitores é um processo que está muito aquém da mera decifração de um texto, é preciso que se busque formar leitores competentes que, segundo os PCNs, pode ser considerado como um leitor competente aquele que é capaz de utilizar um texto para suprir suas próprias necessidades (BRASIL, 1997).

2.4 Literatura para quê?

A leitura é uma prática que amplia as capacidades sociais do sujeito. Mas, de acordo com o que destaca Ferrarezi Jr. (2017, p. 23), a leitura somente possui um valor formativo quando o leitor faz “o uso pleno do texto como parte da vida social de uma sociedade letrada”.

Assim como a leitura no geral, a leitura literária também oferece uma grande parcela de contribuição em muitos aspectos da formação de um sujeito, permeando desde os aspectos sociais, os aspectos individuais e os afetivos. Esta influência da literatura no processo formativo de um indivíduo se dá, principalmente, a partir da relação da obra literária com o meio social, ou seja, até o ponto em que a literatura se integra com a realidade.

Compreender um texto literário implica, sobretudo, em conhecer e compreender o contexto social no qual foi produzido, visto que, segundo Cândido (2006, p. 13) “só o podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra”,

ou seja, muitos aspectos de toda uma sociedade podem estar representados dentro de uma obra literária.

Embora da literatura se considerem majoritariamente o aspecto estético, o estudo social da literatura se configura como um estudo científico, visto que, a partir dele, é possível analisar a relação da literatura com a construção social de uma determinada sociedade, a intervenção da organização social na obra literária, a influência da sociedade sobre os autores etc. (CÂNDIDO, 2006). A partir dessa constatação, podemos notar que a literatura em seu aspecto primordial busca fazer representações do real, de modo que estas representações mostrem explicitamente as vivências de uma determinada sociedade. A literatura enquanto fonte de representação de uma sociedade narra as diferentes visões de uma mesma realidade a partir das concepções de cada autor.

Tomar a literatura como instrumento de construção social é enxergá-la de uma forma que transcende a função a qual geralmente lhe atribuem. A literatura tem uma função que está para além do estético, do belo, do imaginário. Para Cândido (2012, p. 81), ela tem “a capacidade de confirmar a humanidade do homem”, isto implica dizer que a literatura desperta no sujeito seus aspectos humanos sejam eles sociais ou individuais, racionais ou afetivos.

A literatura, assim como a arte em geral, assume um papel indispensável na formação de um sujeito. A função de tais elementos é tanto desenvolver o papel social do indivíduo quanto aguçar as características internas dele. Trata-se de suprir as necessidades que o homem tem de se satisfazer a partir de ficções que estimulam o seu imaginário, lhe proporcionando a capacidade de pensar o mundo partindo de uma perspectiva pessoal.

Mesmo considerando a literatura como fonte de imaginação e ficção, não podemos detê-la somente a essa definição, pois a ficção nunca se dá por si só, há sempre em sua gênese uma ligação com a realidade (CÂNDIDO, 2012). O ponto crucial do papel da literatura na sociedade e na vida de um sujeito, é justamente a relação que o indivíduo faz da obra com o mundo.

Para além da estética, a literatura é também uma forma de expressão, de comunicação através da qual é possível nos reportarmos à épocas e acontecimentos os quais não poderíamos ter conhecimento senão através da arte, das obras literárias, isto nos permite dizer que da literatura faz parte esta dualidade entre o imaginário e o real, onde se faz uma leitura do mundo através olhar do autor.

Sabemos que um autor sempre exprime em suas obras seus sentimentos, sua opinião pessoal, sua posição frente a sociedade na qual convive, desse modo, ao

escolhermos uma obra de um determinado autor estamos, de certa forma, buscando suprir as nossas expectativas quanto a nossa própria visão de mundo. O aspecto condicionante para que uma obra se torne relevantemente atrativa para o leitor\apreciador é o fato deste sentir-se familiarizado com a obra, ou seja, quando sente que sua opinião ou seus sentimentos foram perfeitamente descritos pelo autor.

Ao expressar sua visão de mundo em sua obra, o autor automaticamente a torna um objeto de participação social, não somente para si, mas também para quem tem contanto com ela. A literatura é, além de uma forma de entretenimento e satisfação pessoal, um objeto de participação social. Segundo Cândido (2006, p. 30), as principais influências dadas pela sociedade sobre a literatura “se ligam à estrutura social, aos valores e ideologias, às técnicas de comunicação”, nesse sentido, é possível dizer que uma obra literária é capaz de proporcionar ao seu receptor a formação de uma posição social ou a reformulação de uma opinião, dando uma nova perspectiva social ao sujeito.

O autor de uma obra pode representar uma diversidade de aspectos e sentimentos através de suas produções, porém de modo que construa um diálogo entre a ficção e a realidade. Como é o caso dos romances canônicos que retratam a realidade social na qual foi produzida, porém construindo um diálogo com uma história ficcional, o que chama a atenção dos leitores. Como no caso de muitos poemas e poesias que apesar de priorizarem a estética e o visual, buscam sempre trazer uma crítica social, um posicionamento político, mesmo que de modo implícito.

Por vezes, a arte e, principalmente, a literatura serviram como veículo de crítica social, de posicionamento político e de denúncia social, o que, em muitas sociedades, provocou a restrição do uso e da apreciação da arte em geral, o que inclui também a literatura.

Nessa perspectiva, o que podemos observar é que um autor não produz suas obras a partir de uma capacidade unicamente interna, ou seja, suas produções não dependem somente de sua própria criatividade, de sua capacidade criadora, mas que um autor produz uma determinada obra literária baseado na realidade social, buscando atender as expectativas de seus leitores e apreciadores através da correspondência entre as ideias e perspectivas de ambos (CÂNDIDO, 2006).

Ainda segundo destaca Cândido (2006, p. 83), “o escritor, numa determinada sociedade, não é apenas o indivíduo capaz de exprimir a sua originalidade (que o delimita e especifica entre todos), mas alguém desempenhando um papel social”, ou seja, ainda que de modo aparentemente original, todo autor, ao produzir uma obra, está sempre

assumindo um papel dentro da sua sociedade, o que novamente confirma a relevância social da literatura.

2.5 Literatura infantil

“A literatura infantil é, antes de tudo literatura” (COELHO, 2000, p. 27). O trabalho com literatura, sobretudo nos anos iniciais, requer a consciência de que esta possui uma relevância não só acadêmica, mas também social e cultural.

Apesar de a literatura dos anos iniciais requerer uma configuração diferenciada da literatura estudada em outros ciclos escolares, é importante ressaltar que nem sempre houve essa preocupação com a adaptação do texto literário para as crianças. Historicamente, a literatura infantil começou sua trajetória relativamente há pouco tempo, tendo seu marco inicial no século XVIII, a partir da ressignificação do conceito de criança, onde essa passou a ser encarada como um ser diferente do adulto, com suas características e necessidades próprias (CUNHA, 1999). A partir disso, a literatura voltada para a fase da infância começou a ganhar forma e representantes, inicialmente se teve apenas as adaptações de obras clássicas para uma linguagem mais infantilizada a fim de serem usadas também como textos para a literatura infanto-juvenil.

No Brasil, esta categoria de literatura teve sua concretização a partir das obras de Monteiro Lobato que, por sua vez, passou a produzir textos e livros que de fato se encaixavam no nível de leitura das crianças (CUNHA, 1999). A partir disso, passou-se a ter uma categorização de literatura voltada para as crianças, o que facilitou o processo de ensino da leitura e da própria literatura em si.

Sobre isso, Gregorin Filho (2011) ressalta que:

Com o surgimento de Monteiro Lobato e sua proposta inovadora de literatura infantil, a criança passa a ter vontade e voz, ainda que vindas da boca de uma simples boneca de pano: Emília. O que importa é que a contestação e a irreverência infantis sem barreiras começam a ser lidas e vistas por meio dos textos e ilustrações das personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo. (GREGORIN FILHO, 2011, p. 16)

Com isso, é possível afirmar a literatura infantil no Brasil começou a ganhar forma a partir das obras de Lobato, passando então a assumir o caráter que lhe pertencia, tomando para si discussões e visões que antes não lhe eram atribuídas. A partir das obras de Monteiro Lobato, a literatura infantil passou a apresentar características que não eram comuns ao universo literário infantil (GREGORIN FILHO, 2011), fazendo com que fosse

remoldada a imagem de criança considerando-a como um ser que possui a capacidade de formar um pensamento crítico acerca de assuntos ditos “polêmicos”.

Trabalhar a literatura infantil não implica em abordar apenas temas superficiais, é possível trabalhar problemáticas sociais a partir de textos voltados para crianças. O texto literário se apresenta como uma ferramenta de grande utilidade no que diz respeito a abordagem de assuntos voltados para temas que abrangem discussões sociais, como por exemplo o racismo, o preconceito, o bullying etc. é necessário fazer esta ressalva para fim de desconstrução da ideia de que os textos literários infantis devem ser isentos de sentidos, de críticas ou discussões sociais.

Azevedo (2004, p. 37, grifos originais) ainda ressalta que

Argumentar que não pertencem ao “universo infantil” é referir-se a um acomodado e redutivo – além de improvável – modelo teórico-abstrato do que seja a infância. Crianças, na vida concreta, inconscientemente ou não, buscam seu autoconhecimento e sua identidade; têm sentimentos e razão; sonham e se apaixonam; têm dúvidas, medos e prazeres; ficam perplexas diante da existência de múltiplos pontos de vista; têm dificuldades em separar realidade e fantasia; são sexuadas e mortais. Em suma, são essencialmente seres humanos.

É importante que se faça tal ressalva, pois a literatura infantil, há muito, vem sendo considerada como um dispositivo que visa apenas o prazer estético. Nesse sentido, é importante ressaltar que esta visão equivocada sobre a literatura infantil se deu, sobretudo, por conta da ideia de que a criança deveria estar alheia a determinadas discussões diferentemente das discussões trazidas pelos textos literários voltados para os adultos. Apesar dessa diferenciação entre “literaturas”, o único elemento que singulariza a literatura infantil é a natureza do seu leitor/receptor, neste caso, a criança (COELHO, 2000).

É importante compreendermos que, até o século XX a literatura infantil era tida como um gênero secundário ao qual não era dado grande destaque. Com isto podemos ressaltar que a literatura infantil em seu caráter formador é uma conquista recente, consolidando-se apenas a partir dos estudos da psicologia experimental acerca das fases do desenvolvimento humano, onde passou-se a considerar a infância e a adolescência como duas fases determinantes para a formação da personalidade do futuro adulto (COELHO, 2000).

O papel pedagógico e educativo da literatura infantil está diretamente ligado ao seu papel artístico e de entretenimento. Durante a construção do texto que se direcionará para o público infantil, é importante preocupar-se em apresentar esses dois aspectos,

considerando que ambos são cruciais para o reconhecimento desta categoria literária como formadora integral do indivíduo na fase infantil e/ou juvenil.

O aspecto educativo\pedagógico desta vertente literária se caracteriza justamente pelo seu caráter formativo, ou seja, quando a leitura traz consigo a finalidade de levar ao leitor não apenas a diversão, mas também um conhecimento de mundo. Como já relatado, a literatura voltada para crianças deve apresentar temas e questões social e culturalmente relevantes.

No que diz respeito ao seu aspecto artístico, a literatura busca proporcionar ao leitor prazer e divertimento a partir de recursos que chamem a atenção, como, por exemplo, a utilização da linguagem imagética. Este aspecto, na literatura infantil, possui grande relevância para facilitar o processo de leitura das crianças, visto que nesta fase o aluno aprende principalmente pelo contato direto com o objeto estudado. A utilização da linguagem iconográfica nos textos infantis pode propiciar às crianças possibilidades interpretativas da leitura feita, ou como destaca Coelho (2000, p. 197) “concretiza relações abstratas que, só através da palavra, a mente infantil teria dificuldade em perceber”. Visto isso, é possível afirmar que apenas a utilização da palavra, grande parte das vezes, torna-se insuficiente para concretizar o aprendizado da criança quanto ao texto lido.

Seguindo essa linha de que a ilustração se caracteriza como uma grande aliada no processo de formação leitora da criança, encontramos um gênero literário que se aplica muito bem a essa realidade: as histórias em quadrinhos. Este gênero se caracteriza pela grande utilização de ilustrações em seus textos, e por isso tornando-se muito apreciado pelo público infantil. Coelho (2000, p. 217, grifo original) explica essa preferência dizendo que o leitor infantil “não resulta apenas do fato de gostarem desse tipo de leitura ‘fácil’, mas porque essa leitura corresponde a um processo de comunicação que atende mais facilmente à sua própria predisposição psicológica”.

O valor estético da literatura infantil (e da literatura no geral) é incontestável, entretanto, na literatura contemporânea é levado em consideração muito mais do que apenas a composição estilística de uma determinada obra. Para Coelho (2000, p. 150)

o que hoje define a contemporaneidade de uma literatura é sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor; levá-lo a desenvolver sua própria expressividade verbal ou sua criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o rodeia; e torná-lo consciente da complexa realidade em transformação que é a sociedade, em que ele deve atuar quando chegar a sua vez de participar ativamente do processo em curso.

Assim, o texto literário possui uma finalidade pedagógica tão necessária quanto a sua finalidade de entreter, mesmo se tratando da literatura voltada para as crianças e jovens. A literatura desenvolve um papel social de grande relevância, tornando sua utilização necessária e imprescindível para a formação integral do leitor.

Ao analisarmos o processo de formação estrutural da literatura infantil, podemos notar que esta partiu de uma composição voltada unicamente para o maravilhoso para a dualidade entre o real e o imaginário. A partir do século XIX, com as obras de Monteiro Lobato, passou-se a reunir o real com o maravilhoso, sobrepondo o primeiro ao segundo. Todavia, influenciado pela psicologia infantil, Lobato passou a produzir suas obras extinguindo completamente o limite entre o mundo real e o imaginário (COELHO, 2000).

Esta ressalva faz-se necessária para fins de esclarecimento do processo que levou a literatura infantil ao distanciamento da realidade, utilizando do imaginário para retratar e discutir situações do cotidiano. Ao fazer a utilização de tal recurso, é de suma importância que sejam feitas correspondências entre os elementos fantasiosos do texto com os elementos reais do cotidiano social. Neste caso, faz-se necessário destacar o quanto é fundamental que o professor saiba como mediar a leitura, indagando os alunos e levando-os a fazer natural e espontaneamente uma associação entre o texto e a realidade vivida por eles.

Embora o ilustrativo, o imaginário também seja um aspecto de grande relevância, o texto literário necessita organizar-se de modo que haja um diálogo, uma interação entre este aspecto com o aspecto formativo. Desse modo, a literatura infantil assume um papel bem mais amplo na formação do jovem leitor.

3. MÉTODOS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA: A COLETA E TRATAMENTO DOS DADOS

A pesquisa tem como principal prática metodológica o recolhimento e a análise de dados referentes aos instrumentos e métodos que auxiliam na formação de leitores nas escolas públicas da cidade de Codó, no Maranhão, ou seja, dados sobre observações de materiais didáticos existentes nas escolas e sobre os modos que eles são utilizados na formação de leitores e escritores na escola em Codó. A pesquisa, desse modo, recolhe dados a partir da observação e registro da prática pedagógica dos docentes e de todo o corpo escolar quanto ao incentivo à leitura. Nesse sentido, a pesquisa possui o caráter etnográfico, pois como conceitua Severino (2007, p. 119) “a pesquisa etnográfica visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia-a-dia em suas diversas modalidades. Trata-se de um mergulho microssocial”. Nesse sentido, este trabalho possui ainda o intuito de analisar o processo de formação de leitores a partir, também, da entrevista com professores, tomando conhecimento da visão e da experiência dos docentes a cerca desta temática, o que a torna uma pesquisa de tipo exploratório-descritiva, ou seja, trata-se de uma pesquisa cujo principal instrumento de análise é a observação e a experiência de vida de indivíduos em uma comunidade específica (OLIVEIRA E PAIVA, 2019).

Inicialmente, foi feita a escolha do campo da pesquisa, que, nesse caso, trata-se da escola em que estávamos desenvolvendo o estágio supervisionado: a Escola Municipal Santa Filomena, localizada no bairro Santo Antônio, na cidade de Codó. A escola atende cerca de 241 alunos distribuídos nos turnos da manhã e da tarde nas séries de 1º ao 5º ano, a instituição dispõe ainda da colaboração de, pelo menos, 23 funcionários.

A princípio, foram analisados os aspectos estruturais da escola, observando se estes aspectos tornavam favoráveis ou não a prática leitora dos alunos. O primeiro ponto a ser destacado é que a escola não possui biblioteca, apenas um acervo de livros que fica na diretoria, o que acaba fazendo com que os alunos não tenham acesso a esse acervo. A ausência de um espaço reservado para os livros (uma biblioteca) torna limitado os ambientes de leitura dos alunos, restringindo-o apenas à sala de aula.

Esse aspecto é compreensível, visto que a escola possui um espaço territorial muito pequeno, dispondo apenas de 5 salas de aula, uma cantina, dois banheiros, uma diretoria e um pátio bem pequeno.

Para as observações acerca da prática pedagógica dos docentes, foi aproveitado o período de estágio, no qual foi possível investigar como é feito o trabalho com a leitura, quais instrumentos utilizados, se há retorno positivo etc. Durante esse período de observação, foi possível notar que a escola segue o projeto de incentivo à leitura oferecido pela secretaria de educação, não havendo eventos com foco na leitura, como por exemplo feiras literárias, projetos de leitura, dentre outros.

Além da observação, o instrumento utilizado nesta pesquisa foi um questionário (cf. Apêndice A), elaborado a partir das dúvidas que surgiram durante a observação na escola. O questionário possui 9 perguntas subjetivas, as quais os professores poderiam escolher entre gravar uma entrevista ou apenas responder por escrito. As quatro primeiras questões contidas no questionário tratam sobre o perfil pessoal do docente: nome, formação, tempo de profissão, séries em que leciona.

O planejamento inicial seria entrevistar pelo menos 10 professores, no entanto, devido à crise de pandemia pelo coronavírus, que assolou o mundo no ano de 2020, a pesquisa precisou ser interrompida. Neste caso, o número de professoras entrevistadas passou a ser 3. Em termos numéricos, temos um número pequeno de dados, no entanto, nesse sentido, a pesquisa toma uma abordagem qualitativa, analisando com objetividade os poucos dados disponíveis sobre o fenômeno da leitura em escolas de Codó.

Segue o quadro 1, com as informações obtidas, para fins de criar um perfil dos entrevistados.

Quadro 1 – perfil das professoras desta pesquisa

Professora	Formação	Tempo de profissão	Séries em que leciona
Professora 1	Pedagogia	13 anos	1º ao 5º ano
Professora 2	Magistério	22 anos	1º ao 3º ano
Professora 3	Pedagogia	10 anos	1º ao 5º ano e Ed. infantil

Fonte: autora

Cada professora foi entrevistada individualmente, a fim de proporcionar um tempo maior para responder a cada pergunta.

As 5 perguntas seguintes trata-se de uma forma de reconhecer os métodos e práticas utilizados pelas professoras entrevistadas, ou seja, as perguntas possuem a finalidade de montar o perfil profissional do entrevistado, as perguntas utilizadas estão dispostas a seguir:

- I. Como você costuma trabalhar o texto literário em sala de aula?

- II. De que modo você costuma organizar as leituras coletivas feitas em sala?
- III. Quais ferramentas você costuma utilizar para trabalhar a literatura?
- IV. Que técnicas você utiliza para incentivar o aluno a se interessar pela leitura?
- V. Para você, como o governo (secretaria de educação) pode agir para incentivar a leitura em nossa cidade?

As questões foram elaboradas de modo que as professoras pudessem desenvolver respostas discursivas, pois, desta forma, facilita ainda mais o processo de análise, tornando possível o reconhecimento de cada característica do entrevistado enquanto professor.

A análise dos dados recolhidos por meio dos questionários, bem como os da observação, será realizada de modo que seja feita a correspondência adequada com aquilo que apontam os teóricos da área da formação de leitores. Cada aspecto percebido e registrado será considerado e comparado com os pressupostos teóricos.

Os resultados obtidos a partir da análise e comparação serão construídos de modo que seja possível chegar ao ponto central de um problema antigo do nosso país que é a formação de alunos que não gostam de ler. Embora esta pesquisa esteja fazendo apenas um pequeno recorte de toda amplitude deste problema, de certa forma será possível notar um retrato de como essa realidade reflete no município de Codó.

4. LEITURA NO COTIDIANO ESCOLAR: LANÇANDO OLHARES E REFLEXÕES SOBRE O DISCURSO DOS PROFESSORES

Nesta pesquisa, tentamos observar o cotidiano escolar a partir do discurso dos professores e de nossas observações em visitas feitas às escolas de Codó. A ideia é tentar construir e refletir sobre a prática de sala de aula, focando principalmente a formação de leitores e escritores, considerando, principalmente que a escola, como já foi mencionado, é o lócus natural para a formação de leitores literários. Partirmos do pressuposto de que conhecer a literatura é direito de todos e fazer dela um espaço de reflexão é uma das principais capacidades dos indivíduos letrados em uma sociedade como a nossa. Saber refletir acerca da literatura, acerca dos entendimentos que os professores apresentam em sua prática de sala de aula poderá nos dá um reflexo de como anda a formação de leitores literários nas escolas da cidade de Codó'.

A escola em que foi desenvolvida a pesquisa trata-se de uma instituição com uma estrutura bem simples e negligenciada, no que diz respeito aos aspectos físicos, mas esta é uma condição comum a grande maioria das instituições escolares públicas do nosso país, desse modo, parte-se do pressuposto de que as condições encontradas na escola alvo deste estudo é a mesma de muitas escolas no Brasil. Nesse sentido, é importante lembra que essas condições, por vezes, tornam-se empecilhos para a construção de um ambiente escolar propício para a formação adequada dos alunos e mais ainda para formação leitora dos alunos.

Como sabemos, a formação de um aluno leitor requer a integração de muitos aspectos do ambiente escolar, permeando desde a estrutura física da escola até a formação dos professores. Dentro do processo de formação de alunos leitores, o principal aspecto exigido tende a ser o oferecimento, por parte da escola, de um ambiente adequado e estimulante para o desenvolvimento da leitura, que, como apontado por Klebis (2008), seria uma biblioteca, visto que esta se configura como um espaço ideal para que os alunos sintam-se estimulados a ler.

A Escola Santa Filomena, foco desta análise, não possui em sua estrutura um espaço específico para o desenvolvimento da leitura, o que dificulta o trabalho dos docentes, obrigando-os a desenvolverem a leitura utilizando recursos improvisados dentro da sala de aula. Apesar destes entraves no que diz respeito à prática de leitura, a escola atingiu no ano de 2017 um dos maiores IDEBs (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) da cidade de Codó, chegando à marca de 5,1, o que tem um grande

significado de avanço frente a realidade educacional do município. É importante, nesse sentido, que o índice IDEB é um indicador importante, mas não único para o índice de qualidade de uma escola e dos docentes dela.

Um dos mecanismos de pesquisa utilizado neste trabalho foi a observação realizada no período do estágio supervisionado, ou seja, uma pesquisa-participante: dentro desse período de observações, foi possível analisar muitos aspectos no que diz respeito ao incentivo e prática de leitura. A observação realizada em 3 salas de aulas, sendo duas de 2º ano e uma de 3º ano, me possibilitou ver que a grande maioria dos alunos tanto do 2º quanto do 3º ano possuíam não só o domínio da leitura quanto a capacidade de interpretar, explicar e criar pequenos textos de forma clara e compreensível.

Para se chegar a essa conclusão, observamos quais as abordagens utilizadas pelos docentes, ou seja, como trabalham o processo de alfabetização dos alunos e como procedem para que estes continuem a ter interesse por ler e escrever.

Durante o período de observação em uma sala de 2º ano, foi possível analisar que a professora regente possuía um método de ensino um tanto tradicional, pautado na repetição e reprodução das leituras feitas. Utilizando-se de textos contidos em livros de edições bem antigas, a professora repassava alguns textos aos alunos que liam com o acompanhamento dela.

A segunda sala a ser observada foi uma turma do 3º ano, na qual os alunos já possuíam um nível de leitura e interpretação bem elevado, diferente do que normalmente se vê nas escolas públicas de Codó. A professora da turma tinha um método de ensino baseado em exercitar a leitura diariamente, através de leitura de pequenos contos, textos do livro didático e até mesmo versículos da Bíblia.

A terceira turma na qual foi realizada a pesquisa foi uma turma de 2º ano, porém, as aulas assistidas eram as ministradas pela professora do Horário Pedagógico (HP), ou seja, a professora que ministrava as aulas das disciplinas de história e geografia. A docente trabalhava a leitura dos alunos a partir dos textos contidos no livro didático, de modo que os alunos lessem junto com ela. Os textos selecionados eram de acordo com o conteúdo trabalhado, sem qualquer desvio para textos paradidáticos.

Além da observação das aulas, foi utilizado na pesquisa um questionário que foram aplicados individualmente, a fim de fazer um recorte menor da pesquisa, chegando a opinião pessoal de cada docente sobre a leitura e a formação de leitores.

No quadro 2, a seguir, reunimos as considerações das professoras entrevistadas para termos uma ideia geral dos dados. A seguir, passamos a comentar as respostas dadas pelas professoras às questões colocadas no questionário.

QUADRO 2 – quadro sintético com as respostas das professoras informantes

PERGUNTA/RESPOSTA	Professora 1	Professora 2	Professora 3
I. Como você costuma trabalhar o texto literário em sala de aula?	Selecionando textos pequenos, de forma que podemos identificar palavras e sílabas e que possibilite o entendimento do aluno.	Acompanhamento no livro didático.	Com predição, informações prévias sobre o livro, instigando para que os alunos fiquem curiosos e apresentem seus conhecimentos prévios sobre o assunto, respeitando sempre o que o aluno traz.
II. De que modo você costuma organizar as leituras coletivas feitas em sala?	Em forma de roda de leitura.	Proporcionando aos alunos a lerem em voz baixa e continuando sempre quando eu parar.	através de roda de conversa, cantinho literário, mesmo a minha sala sendo pequena, busco colocar de uma forma que eles se sintam integrados, que eles não se sintam isolados, dando abertura para que eles possam trazer o que sabem sobre aquele conteúdo.
III. Quais ferramentas você costuma utilizar para trabalhar a literatura?	Paradidáticos, teatrinhos com os próprios alunos, vídeos.	Livro didático, escrita no caderno e pesquisa.	caixa de som, livros tradicionais da literatura ou reconstrução de livros que eles já leram.

<p>IV. Que técnicas você utiliza para incentivar o aluno a se interessar pela leitura?</p>	<p>Realizando diariamente um momento de roda de leitura antes do início da aula.</p>	<p>selecionando leituras diferentes para que cada aluno mostre seu potencial.</p>	<p>usando as tecnologias para levar aos alunos temas compatíveis com a idade. Usando celular, televisão, data show, caixa de som, filmes, vídeos de histórias que foram lidas, de histórias que tragam valores.</p>
<p>V. Para você, como o governo (secretaria de educação) pode agir para incentivar a leitura em nossa cidade?</p>	<p>Já tive pensando sobre o assunto e cheguei a conclusão que nos falta uma escola de teatro e até mesmo nos proporcionar espetáculos teatrais</p>	<p>Dando suporte aos professores, como: fornecer material necessário, estrutura do ambiente etc.</p>	<p>mais feiras literárias, abrindo mais faróis de leitura, bibliotecas, livrarias. Nós fazemos nossa parte em sala de aula, mas é importante que as famílias tenham mais acesso à cultura literária.</p>

Fonte: autora

A docente do 2º ano “B” foi a nossa primeira entrevistada e aqui será identificada como ‘Professora 1’ (para preservar a identidade de cada professora todas receberão um codinome).

A Professora 1 possui formação no curso de Pedagogia e está exercendo a profissão há 13 anos, lecionando nos anos iniciais do 1º ao 5º ano. A seguir apresentamos o questionário com as respostas apresentadas pela professora entrevistada.

1. Como você costuma trabalhar o texto literário em sala de aula?

Resposta: Selecionando textos pequenos, de forma que podemos identificar palavras e sílabas e que possibilite o entendimento do aluno.

Com esse questionamento busco compreender a visão do docente acerca do texto literário e como utilizam-nos em sala de aula. A partir da resposta apresentada pela Professora 1, é possível perceber a presença de um método de leitura muito utilizado durante a alfabetização, que parte do estudo de um texto como um todo para as partes menores, no caso para uma palavra e em seguida para as sílabas.

Este método utilizado pela Professora 1 pode ser interessante para se trabalhar com alunos em nível de alfabetização. Já para o objetivo de formar alunos leitores é importante que se utilize métodos que busquem estimular a compreensão dos alunos acerca do texto lido, como ressalta Freitas (2012). O foco, nesse sentido, deve ser fazer com que o aluno tenha interesse na leitura e no conhecimento de personagens e histórias. Cumpre lembrar que exercícios com foco na estrutura das palavras é um tipo de atividade que, embora colabore para a alfabetização desses alunos, não foca na questão da formação de leitor e escritor em sala de aula. Um dos principais problemas de nossas salas de aula, no que diz respeito à formação de leitores é justamente o foco nesse tipo de atividade, deixando de lado atividades que se centrem no aspecto da leitura do texto na escola.

2. De que modo você costuma organizar as leituras coletivas feitas em sala?

Resposta: Em forma de roda de leitura.

A finalidade desta pergunta é, principalmente entender como a professora busca envolver todos os alunos, leitores e não leitores, nas atividades de leitura. Como destaca Viccini (2011), o método de roda de leitura possui uma grande eficácia no processo de formação do aluno leitor, visto que ele promove a interação tanto do aluno como o professor quanto dos alunos entre si e a partir disso tornar a leitura uma atividade mais dinâmica e prazerosa para os alunos. Além disso, promover rodas de leitura é uma prática que influencia a capacidade do aluno ler para o outro e, também, de explicar suas interpretações quanto as leituras realizadas em sala de aula. De acordo com a professora 1, essa é uma prática comum na sala de aula dela.

3. Quais ferramentas você costuma utilizar para trabalhar a literatura?

Resposta: Paradidáticos, teatrinhos com os próprios alunos, vídeos.

É imprescindível que o professor, enquanto formador de leitores, compreenda a necessidade de dinamizar o trabalho com a leitura e principalmente com a leitura literária. Como Cosson (2019) ressalta, a literatura pode ser encontrada em diversas configurações,

devemos entender que é possível levar a leitura literária por meio de muitos outros mecanismos além do texto escrito.

Realizar peças teatrais baseadas em leitura feitas em sala proporciona não somente um interesse maior pelo texto, mas também uma maior compreensão dele. Levar para dentro da sala de aula instrumentos que possibilitem uma maior interação do aluno com texto é, sem dúvidas, uma estratégia bastante eficaz no processo de formação do aluno leitor.

4. Que técnicas você utiliza para incentivar o aluno a se interessar pela leitura?

Resposta: Realizando diariamente um momento de roda de leitura antes do início da aula.

A formação do leitor é um processo constante, nesse caso é importante compreendermos a importância de se trabalhar a leitura diariamente. Apresentar aos alunos um texto ao início da aula é uma estratégia válida e de grande importância. Levar textos diariamente para a sala de aula torna os alunos mais habituados com o ato de ler, levando-os a compreender que o texto e a leitura não se restringem somente a aula de português. É importante, no entanto, que a leitura tenha mais espaço no currículo do que um momento, é necessário, como defende Ferrarezzi Jr (2017) que a leitura seja um assunto, um tópico, uma constante em sala de aula, principalmente na educação infantil.

5. Para você, como o governo (secretaria de educação) pode agir para incentivar a leitura em nossa cidade?

Resposta: Já tive pensando sobre o assunto e cheguei a conclusão que nos falta uma escola de teatro e até mesmo nos proporcionar espetáculos teatrais

Como sabemos a leitura e principalmente a literatura está intrinsecamente ligada às artes. É interessante notar a visão da professora com relação a dimensão que tem a leitura, não se restringindo aos espaços tradicionais. No entanto, como afirma a professora, essa questão ainda é uma realidade que não existe em Codó, é necessário, nesse sentido, entender que a formação de leitores também é uma política pública que deve ser encarado como uma prioridade para a formação de cidadãos, não só da Secretaria de Educação, mas do município como um todo. Nesse sentido, a criação de ambientes de teatralização e de leitura de textos impressos ou não é muito importante para a política educacional do município.

A segunda professora entrevistada será identificada como 'Professora 2'. A docente tem formação em magistério e 22 anos de profissão, atualmente está lecionando em turmas de 1º ao 3º ano como professora das disciplinas de história e geografia (HP). Com a entrevistada, foi possível analisar sua prática através do questionário e da observação de sua aula.

1. Como você costuma trabalhar o texto literário em sala de aula?

Resposta: Acompanhamento no livro didático.

Por muito tempo, vivemos sob a visão simplista e tradicional da educação pautada em ensinamentos baseados somente em livros didáticos ou em conteúdos pré-estabelecidos que não atendiam às reais necessidades dos alunos. Isso não significa que o livro didático seja uma ferramenta inútil, muito pelo contrário, ele possui a sua utilização, todavia, deter-se ao uso desta ferramenta durante as aulas, sobretudo na prática de leitura, pode acarretar em um mau aproveitamento do aprendizado do aluno, visto que o livro didático possui conteúdos limitados e principalmente possui textos limitados e, muitas vezes, incompletos.

Esse método de utilizar somente o livro didático acarreta ainda um problema apontado por Klebis (2008), que é o fato de os alunos terem uma visão do texto apenas como fonte de pesquisa, utilizando-os apenas quando obrigatório, ou seja, para responder atividades, estudar para provas, entre outros. Desse modo, a leitura passa a ser uma figura não muito agradável aos olhos dos educandos o que torna ainda mais escassa a prática de ler. Lógico que o uso excessivo do livro didático na sala de aula é um dos modos de trazer a falta de estímulo pela leitura no aluno, visto que usar um só tipo de texto é um problema para a criação do hábito de leitura em uma população.

2. De que modo você costuma organizar as leituras coletivas feitas em sala?

Resposta: Proporcionando aos alunos a lerem em voz baixa e continuando sempre quando eu parar.

É indiscutível a importância da interação entre alunos e entre aluno e professor durante o aprendizado, principalmente no aprendizado de leitura. É de extrema importância que o professor busque sempre manter um contato com o aluno durante as práticas de leitura, aprimorando seus métodos tornando-os mais interativos, fugindo da padronização tradicional de ensino, como destaca Fernandes (2012).

“Ler em voz baixa” é uma prática que pode ser utilizada, mas que deve ser intercalada com uma leitura em tom alto, para que assim o aluno possa desenvolver além da capacidade de ler, a capacidade de falar, ou seja, de se comunicar com terceiros de modo que se sinta à vontade para isso. A formação de um aluno leitor vai muito além da alfabetização, formar um leitor implica em desenvolver no indivíduo habilidades que agreguem também em seu desenvolvimento pessoal.

É preciso que o aluno se sinta livre e à vontade para praticar a leitura, caso contrário, ele não terá a compreensão da necessidade e tampouco o interesse na leitura em sala de aula e, principalmente fora dela. É importante também pensar que a leitura deve ser uma prática coletiva, porque na vida fora da escola também lemos em companhia de outras pessoas e construímos significados coletivamente.

3. Quais ferramentas você costuma utilizar para trabalhar a literatura?

Resposta: Livro didático, escrita no caderno e pesquisa.

Como já sabemos, a questão da utilização do livro didático é uma prática muito comum e que permeia por muitas discussões, sobretudo no que diz respeito à frequência com que esse instrumento pode ser utilizado em sala de aula. Desse modo, o professor pode considerar o livro didático um instrumento a ser utilizado por ele mesmo (o professor) como uma diretriz dos conteúdos a serem trabalhados e não como uma fonte de pesquisa para os alunos, pois, como é de conhecimento de todos, os conteúdos dos livros didáticos são extremamente limitados e não são produzidos considerando a formação de leitores. As atividades mencionadas pela professora parecem ser aquelas que acontecem com muita frequência em sala de aula nas diferentes disciplinas da escola, no entanto, é necessário que essas não sejam leituras e escritas mecânicas e que sejam feitos com objetivos que têm o fim na própria escola e não a sociedade.

É importante que o docente incentive seus alunos a pesquisarem em fontes mais abrangentes e diversificadas, isto pode estimular o educando a ler para encontrar as respostas para seus questionamentos, dando-lhes ainda uma maior autonomia na produção de seu próprio conhecimento. Além desse aspecto, o foco na formação de leitor deve considerar um conjunto de atividades que devem estar no cotidiano da sala de aula, fazer dessa prática mais do que uma prática escolar, um hábito pessoal dos alunos.

4. Que técnicas você utiliza para incentivar o aluno a se interessar pela leitura?

Resposta: selecionando leituras diferentes para que cada aluno mostre seu potencial.

A diversificação da leitura é uma técnica de muita ajuda para o desenvolvimento pleno da capacidade de ler, isto é, desenvolve não somente a capacidade decifrar palavras, mas tem torna o aluno mais familiarizado com os mais diferentes tipos textuais, dando a ele a possibilidade de interpretar e a inspiração para criar seus próprios textos.

A mediação do professor tem sua relevância principalmente no momento de levar aos alunos diferentes produções textuais, ou seja, é indispensável que o professor enquanto mediador, proporcione aos alunos a compreensão de cada texto lido, seu gênero, seu objetivo, estimulando o aluno a construir sua identidade leitora, isto é, a partir do contato com diversos tipos e gêneros textuais, o aluno então terá a possibilidade de selecionar aqueles que mais o agradam, para então tornar a prática de ler mais atrativa e poder desenvolver um gosto pela leitura. Nesse sentido, é importante pensar que a leitura monolítica da escola, que preza pela leitura forçada do livro didático, que tem lá seus próprios problemas, pode ser um fato importante para o fracasso das escolas brasileiras na formação de leitores e escritores.

5. Para você, como o governo (secretaria de educação) pode agir para incentivar a leitura em nossa cidade?

Resposta: Dando suporte aos professores, como: fornecer material necessário, estrutura do ambiente etc.

A grande maioria dos problemas enfrentados pela educação brasileira tem uma ampla relação com a falta de recursos disponibilizado pelos órgãos governamentais. Não é de hoje que percebemos grandes lacunas na educação, principalmente no que diz respeito à estrutura física, materiais de suporte, formação continuada para os docentes, entre outros. Essa problemática é algo muito citado pelos docentes, que buscam sempre exigir seus direitos por melhores condições de trabalho.

Se alfabetizar uma criança já é por si só uma tarefa trabalhosa, fazer isso sem ao menos ter a sua disposição os materiais essenciais e as condições necessárias tornam essa tarefa ainda mais árdua e dificultosa, obrigando os professores a buscarem recursos de modo individual, muitas vezes usando recursos improvisados ou até mesmo seu próprio dinheiro.

No que diz respeito à formação de leitores, a intervenção do governo é algo que pode transformar o atual quadro da nossa cidade, fornecer aos professores cursos de formação continuada voltados para a formação de leitores é uma das possibilidades, fornecer à escola materiais e um espaço adequado para a prática da leitura, ou até mesmo fornecer à população em geral um espaço mais acessível para o contato com a leitura são medidas que com certeza contribuiriam de modo extremamente positivo para o avanço no processo de formação não só de alunos leitores, mas de cidadão leitores. Nesse sentido, formar leitores deve ser uma meta para além de realização de feiras ou eventos em que a leitura seja uma realidade, precisaríamos de muito mais, na visão desses profissionais que estão na sala de aula diariamente, acompanhando os discentes codoenses.

1. Como você costuma trabalhar o texto literário em sala de aula?

Resposta: Com predição, informações prévias sobre o livro, instigando para que os alunos fiquem curiosos e apresentem seus conhecimentos prévios sobre o assunto, respeitando sempre o que o aluno traz.

É sempre necessário destacar que um dos aspectos mais importantes no processo de formação do aluno leitor é, sem dúvidas, a mediação do professor, neste caso, a mediação implica em relatar previamente ao aluno sobre a leitura que será feita para que ele se sinta mais familiarizado quando for realizar a leitura. Provocar o aluno quanto seu próprio interesse é um aspecto importante e posto em prática pela docente, um aspecto importante na direção da formação de leitores e escritores.

Outro aspecto importantíssimo a ser destacado na resposta da professora é o fato de que em todo e qualquer processo de ensino e aprendizagem deve-se sempre levar em consideração a bagagem de conhecimentos que o aluno carrega. Cada aluno traz consigo conhecimentos, vivências, preferências, isto implica dizer que ao formar um leitor é necessário que trabalhe com ele vastas opções de leituras para que este se familiarize com diferentes tipos de textos e, dessa forma, construa sua identidade leitora. A docente em questão não deixa de considerar esse aspecto, muito embora seja importante considerar que o direcionamento de um adulto leitor seja importante e o encontro entre o mundo das letras e das histórias inventadas deve ser pavimentado com muita curiosidade e fantasia, sobretudo na educação infantil.

2. De que modo você costuma organizar as leituras coletivas feitas em sala?

Resposta: através de roda de conversa, cantinho literário, mesmo a minha sala sendo pequena, busco colocar de uma forma que eles se sintam integrados, que eles não se sintam isolados, dando abertura para que eles possam trazer o que sabem sobre aquele conteúdo.

Muitos são os aspectos considerados necessários para a construção de uma identidade leitora no aluno em formação, dentre elas podemos destacar na fala da professora o fato de que é de grande contribuição permitir que os alunos interajam não somente com a professora, mas também entre si. O compartilhamento de conhecimentos entre os alunos é um aspecto que contribui tanto na formação leitora quanto na formação em geral. A troca de histórias entre os alunos, atividades de interação em que a leitura seja o foco principal também é uma excelente forma de criar o gosto pela literatura nos alunos. Nesse sentido, a literatura precisa estar distante e ser próxima, precisa deixar os salões das altas sociedades intelectuais para fazer parte da comunidade de onde retira suas histórias e que lhe admira como um objeto de arte e preciosidades.

Outro aspecto importante é que permitir que os alunos tenham voz durante as rodas de leitura é permitir que eles construam seu próprio conhecimento e desenvolvam de maneira integral a leitura e a capacidade de dominar a oralidade. Ouvir o aluno quanto a sua interpretação do que lê, do que ouve ou assiste também é um modo de valorização desse aluno como leitor e, com isso, contribuir com a sua formação como um indivíduo que lê. O aluno precisa ser reconhecido pela escola como alguém capaz de produzir e de interpretar aqueles textos que lhe são apresentados e entender que todo o texto é sempre uma porta para mil e uma interpretação é um aspecto importante e vital para essa formação de leitor tão desejada. Não resta dúvidas, nesse sentido de que o jogo de sedução entre o aluno e o texto é um jogo de muitos caminhos, mas que carece de boas ideias e uma prática constante e, muitas vezes, desafiadora, sobretudo quando se tem a estrutura que se tem nas escolas do Brasil de um modo geral. Em Codó, esse aspecto se agrava e o docente se torna uma peça central nessa formação.

3. Quais ferramentas você costuma utilizar para trabalhar a literatura?

Resposta: caixa de som, livros tradicionais da literatura ou reconstrução de livros que eles já leram.

Sabemos que a tecnologia é um recurso escasso quando se trata de escolas públicas, ter a disposição computadores, celulares, tablets, é quase uma utopia para professores e alunos da rede pública. No entanto, é de grande importância que o professor saiba como adaptar os recursos disponíveis para trabalhar os conteúdos necessários, sobretudo porque a Literatura também está disponível na Web. A leitura literária pode ser encontrada em diversas formas, como Cosson (2019) destacou em sua obra. Nesse sentido, a literatura não se restringe somente aos livros, o professor pode utilizar de diversas ferramentas para auxiliar no ensino da leitura e escrita. Numa geração para quem a internet e o ambiente digital é comum e natural, investir nessas ferramentas é um aspecto importante. A professora que respondeu essa questão parece entender esse aspecto, porém essa não é uma realidade para todos. Muitos ainda ligam a literatura à livros impressos e longos, poemas herméticos de autores desconhecidos do grande público, enquanto a literatura está disponível a todos em diferentes plataformas online, seja em formato de som, de livros digitais, seja em formatos adaptados para histórias em quadrinhos. Nesse sentido, o primeiro passo é não entender a literatura como algo distante e inalcançável, o resto é trabalhar para que ela se popularize nas escolas de um modo geral, não entrando apenas pela porta do livro didático, mas por mais portas e em contextos mais próprios dos alunos.

Quando a escola dispõe de recursos (mesmo que poucos) tecnológicos pode tornar o processo de ensino mais diversificado. Trabalhar com filmes, vídeos, livros originais, adaptações de livros, torna mais abrangente o conhecimento do aluno sobre as obras literárias, podendo ainda tornar menos complicada a formação de novos leitores, visto que a utilização de recursos diversificados chama a atenção dos alunos, deixando-os mais interessados em ler ou aprender a ler.

4. Que técnicas você utiliza para incentivar o aluno a se interessar pela leitura?

Resposta: usando as tecnologias para levar aos alunos temas compatíveis com a idade. Usando celular, televisão, data show, caixa de som, filmes, vídeos de histórias que foram lidas, de histórias que tragam valores.

Como já citado, o uso de tecnologias no trabalho com o ensino de leitura é sempre muito apreciado, visto que tal recurso facilita o ensino e a aprendizagem dos alunos. Um destaque importante a ser feito na fala da professora é o fato de conjugar o trabalho com as tecnologias com os livros tradicionais, ou seja, levar aos alunos um vídeo ou filme que

complementa uma história ou livro lido anteriormente. Saber utilizar diversos recursos em conjunto é uma habilidade que os professores precisam ter.

5. Para você, como o governo (secretaria de educação) pode agir para incentivar a leitura em nossa cidade?

Resposta: mais feiras literárias, abrindo mais faróis de leitura, bibliotecas, livrarias. Nós fazemos nossa parte em sala de aula, mas é importante que as famílias tenham mais acesso à cultura literária.

O estado nacional dispõe de algumas políticas públicas para o incentivo à leitura, no entanto não possuem controle daquilo que acontece em uma esfera menor, neste caso, cabe aos governos estaduais e/ou municipais fazerem a redistribuição destes recursos de modo que possam chegar de forma igualitária às escolas da rede pública e/ou estadual.

Sabemos que é praticamente impossível ocorrer uma reviravolta rápida no cenário educacional do país vinda do poder público, mas a partir de pequenas atitudes é possível que ocorram mudanças, ainda que pequenas. Nenhum indivíduo irá se interessar por leitura se não possuir acesso a ela, talvez seja este um dos maiores erros cometidos pelas autoridades e dos primeiros passos a serem dados para tornar-se uma sociedade leitora. Sem recursos, sem estrutura, sem políticas públicas que funcionem de forma contundente e efetiva dificilmente poderemos superar o problema da formação de leitores no Brasil. A professora menciona, com muita razão, que são necessários movimentos de parceria entre a escola e a sociedade e que a tarefa de formar cidadãos leitores não é exclusiva da escola. Fazer uma tarefa como essa sozinha é quase impossível.

A implantação de bibliotecas municipais não beneficia apenas os alunos, mas também a sociedade no geral. Dessa forma, será possível levar o conhecimento, a leitura para a realidade do aluno fora do ambiente escolar, o que pode fazê-lo compreender que a leitura é uma prática social e não apenas escolar.

4.1 Discussão dos dados

É fato que grande parte dos brasileiros se consideram ou são considerados não leitores, esse cenário se deve, principalmente ao grande descaso com a educação básica pública em nosso país. No entanto, muitas vezes, essa realidade é julgada como sendo exclusiva responsabilidade dos professores e professoras, o que definitivamente não é verdade. A culpa pelo problema tem muitas versões, mas poucos se movimentam

para resolvê-lo. Os docentes que lecionam na rede pública e, principalmente, nos anos iniciais, encontram inúmeros entraves ao longo do processo de ensino, destaco os professores dos anos iniciais pelo fato de que, diferente dos professores que lecionam nos demais ciclos, estes docentes possuem uma tarefa essencial na formação do aluno: alfabetizar. Não se deseja aqui contestar a importância que a alfabetização tem nas séries iniciais, mas o foco só nela acaba por minar outras necessidades que o indivíduo precisaria para o futuro. Nesse sentido, é importante comentar que a prática do alfabetizar letrando, como sugere Soares (2015) é um aspecto importante porque foca tanto na prática da alfabetização quanto na de formação de leitores e escritores na nossa sociedade, ou seja, na formação de um indivíduo complexo e múltiplo, como todos somos.

No cenário educacional atual de nossa sociedade, a alfabetização é um processo que não se restringe apenas à Pré-escola, visto que muitos alunos que já estão no ensino fundamental não conseguem sequer escrever o próprio nome. O que parece ser um exagero é a realidade de muitos alunos da rede pública de ensino. Essa situação alarmante torna a docência um verdadeiro desafio, em que os professores e professoras precisam conciliar ou até mesmo escolher entre o conteúdo programado para a série e/ou a atividades de alfabetização para alguns alunos. De certa forma, isso tudo torna a sala um ambiente dividido, no qual os professores precisam se desdobrar para suprir as necessidades educacionais de cada um de seus alunos, toda essa situação corrobora o fato de que os professores não possuem, em nenhum aspecto, as condições necessárias para desempenhar suas atividades, o que torna um equívoco gigantesco culpabilizar os docentes pela deficiência encontrada em nossas escolas.

Todos os problemas encontrados ao longo da trajetória escolar de um indivíduo refletem em sua vida pessoal e, também em seu futuro como estudante, e como indivíduo de uma sociedade que lhe cobra os saberes escolares e sociais, fazendo com que este chegue ao ensino superior com grandes carências de aprendizado ou até mesmo nem chegue ao ensino superior.

Na educação básica, sobretudo nas séries iniciais, o principal foco do ensino é alfabetizar: ensinar a ler, escrever e a fazer contas. Nesse sentido, é esperado que ao passar de cada série os conteúdos ensinados sofram alterações e se tornem um pouco mais desafiador para os alunos, entretanto, os alunos possuem cada vez mais a dificuldade de assimilar conteúdos o que faz com que estes alunos não consigam acompanhar o desenvolvimento da turma em relação a apreensão de conteúdos. Uma parte porque os conteúdos cada vez mais estão voltados para si e não para a realidade, o que provoca

dificuldades de assimilação do aluno, por outro lado porque a escola não acompanha com facilidade o mundo atual, sofrendo de uma forte força tradicional que centra-se em tradições milenares, tanto no comportamento quanto no modo como vê a realidade que lhe está em volta. Não resta dúvida que esses aspectos paralisam a escola e tornam-na um ambiente árido e único na nossa sociedade, o que é um grande problema para uma instituição que vive para servir a comunidade que lhe sustenta.

No que tange à formação de leitores, essa realidade das escolas públicas se torna um empecilho ainda maior, visto que a formação de leitores já é por si só uma tarefa árdua que exige do professor um certo desdobramento, no entanto sabemos que a obrigatoriedade de proporcionar um ambiente adequado para a aprendizagem dos alunos não somente do professor, cabe também à escola que, por sua vez, depende de órgãos maiores. É de grande importância que o docente disponha de recursos capazes de facilitar a aprendizagem dos alunos, principalmente no processo de ensino da leitura e escrita.

Cada docente possui uma visão individual acerca do processo de ensino e aprendizagem, mas algo que é inerente a todos é o fato de que o aluno precisa ser estimulado de diferentes formas para concretizar seu aprendizado. Durante o processo de formação de leitores, é importante que os alunos tenham à sua disposição instrumentos que o façam interessar-se pela prática de ler. Como destacado pela Professora 2, a escola deve fornecer “suporte aos professores”, ou seja, não é apenas distribuindo o livro didático, mas proporcionando aos alunos e professores um espaço, momentos, eventos que tenham como centro a leitura e a escrita, que facilitem essas práticas, é fazer dessas duas práticas um tópico importante para a escola.

Ninguém conhece mais a realidade de uma sala de aula do que um professor, todas as necessidades, todas as lacunas são relatadas diariamente pelos professores que, muitas vezes, se sentem impotentes por não terem meios para alterar essa situação. Dessa forma, a principal opinião a ser considerada quando se trata de mudanças educacionais, seria a opinião dos professores, que, sem dúvidas, sabem exatamente o que e onde está faltando melhorar. As coletadas aqui foram registradas no sentido de termos um importante material e para ver como o professor entende a sua própria prática e papel na formação de leitores e escritores.

O ponto crucial para a transformação de um sistema educacional em crise é investir naquele que possui o conhecimento e a capacidade de ensinar. Investir na formação continuada de professores significa investir na formação dos alunos, ao passo

que a educação e os métodos educacionais evoluem a formação do professor também precisa evoluir para levar aos alunos um ensino atual e com mais eficácia.

Analisando a educação em uma escala um pouco menor e partindo para a realidade da educação codoense, podemos perceber que muitas das dificuldades encontradas são as mesmas que existem no restante do país, as condições em que os professores precisam lecionar estão bem abaixo do recomendado. Essa situação se reverbera há muitos anos e possui uma longa trajetória de descaso. Percebemos pelas respostas dadas pelas professoras entrevistadas nesta pesquisa que a maior necessidade dentro das salas de aulas está relacionada a medidas que fogem do alcance dos docentes e, muitas vezes, até da própria escola. Essas medidas necessárias que são apontadas pelas professoras na maioria das vezes tratam-se na verdade, de instrumentos e métodos essenciais para o ensino, ou seja, medidas básicas que não precisam ser reclamadas pelos professores.

No âmbito do ensino da leitura e da escrita, essas mazelas educacionais se destacam ainda mais, visto que o processo de formação de leitores é algo que necessita de recursos adicionais para que seja realmente eficaz. A utilização de livros didático não é uma estratégia ineficaz, muito pelo contrário, este recurso pode dá ao professor um roteiro a ser seguido em suas aulas, no entanto é importe e necessário que o docente utilize uma diversidade de métodos e recursos para ampliar a capacidade e o interesse dos alunos pelas leituras.

No que diz respeito à leitura literária, a questão da utilização de recursos se afunila mais ainda, pois a literatura é um campo da leitura que exige que o professor enquanto formador, precisa levar ao conhecimento do aluno amplas diversidades de leituras, de textos. Utilizar apenas o livro didático nas aulas pode limitar o campo de visão do aluno sobre a leitura literária, o que o torna um leitor singular, sem muitas experiências literárias, desenvolvendo no aluno a incapacidade de interpretar as leituras e relacioná-las com a realidade, reforçando o estereótipo de que a literatura é para poucos e esses poucos são donos dela, a gente só deve admirar quem sabe lidar com ela. Nesse sentido, desmistificar esse e outros preconceitos é fundamental para a formação de leitores e escritores literários, ou seja, para o desenvolvimento do letramento literário dos alunos.

Entender que a leitura é uma prática de relevância social é um ponto crucial para que o professor consiga desenvolver estratégias capazes de levar ao aluno essa face da literatura de modo a fazê-lo compreender que ler não é apenas decodificar letras, mas fazer o uso da leitura como instrumento de formação social. Na resposta apresentada pela

Professora 3, na pergunta de número 4, podemos notar a presença dessa utilização da leitura como instrumento de formação social, quando a mesma diz que procura levar aos alunos “histórias que tragam valores”, ainda que de uma forma não muito direta, é possível entender que de certa forma, a professora busca apresentar aos alunos os valores que perpassam a sociedade. Essa estratégia adotada pela docente é capaz de mostrar como a leitura e o ensino podem levar os alunos a conhecerem e a entenderem conceitos e determinações importantes dentro de uma sociedade, contribuindo, dessa forma, para a formação do aluno enquanto ser social.

Embora tenhamos conhecimento de que a leitura literária não seja uma prática muito frequente dentro das escolas municipais de Codó, não é necessário reafirmamos esse descaso dentro das nossas salas de aula. É importante que cada docente tenha consciência da importância da formação de alunos que sejam bons leitores e escritores e que isso pode contribuir para a evolução social de todo o município, visto que o indivíduo que lê é um indivíduo bem informado e capaz de se posicionar perante as mais diversas situações dentro de sua sociedade, é um indivíduo que requer melhorias e qualidade de vidas das autoridades que o governam e gerem o orçamento público.

Baseada nos dados colhidos durante o percurso desta pesquisa, é possível notar que a evolução do processo formativo dentro das escolas públicas da cidade de Codó caminha a passo lentos. Essa realidade se dá, sobretudo, pela falta de subsídios fornecidos às instituições escolares, o que torna o sistema educacional desfalcado, tanto no que diz respeito a recursos, quanto no que tange à área, da formação continuada para professores.

Em todas as respostas dadas pelas professoras entrevistadas, é possível notar que as estratégias adotadas por muitas delas precisam bem pensadas e, na maioria das vezes, improvisadas, para levar aos alunos um ensino diversificado. Formar alunos, sobretudo, alunos leitores e alunos leitores literários implica em dizer que existe uma grande necessidade da junção de esforços tanto dos professores, quanto da escola, da sociedade e do município.

A comunidade leitora dentro do município de Codó ainda é reduzida, podemos notar isso nos números atingidos em pesquisa educacionais. De acordo com resultados da Prova Brasil em 2017, apenas 28% dos alunos até o 5º ano das escolas públicas de Codó conseguiram atingir a competência adequada para leitura, escrita e interpretação de texto. Esse número assusta e ao mesmo tempo retrata a realidade da educação codoense. Se pensarmos sobre a realidade da formação do leitor literário teríamos um quadro ainda

mais assustador, sobretudo porque o acesso à literatura ainda é um escasso e enfrenta dificuldades consideráveis.

Mais uma vez reafirmamos não só a importâncias, mas a necessidade de se ouvir os docentes para que a educação possa evoluir, visto que estes são os que realmente conhecem a realidade de uma sala de aula e suas mazelas.

Entender a necessidade de proporcionar ao ensino público a capacidade e os meios para formar alunos leitores é um grande passo para a uma evolução educacional, a leitura e a escrita são os passos iniciais para uma educação de qualidade, e isso não implica somente em alfabetizar, mas em letrar os alunos, ou seja, desenvolver neles a capacidade de fazer a utilização da leitura e da escrita dentro de suas realidades como instrumento de crescimento social.

Uma sociedade com leitores de diferentes naturezas (literárias, científica, matemática, artística etc.) é sinal de um trabalho conjunto entre poder público e a sociedade de um modo geral. É importante entender que a leitura é um aspecto importante numa sociedade, sobretudo em uma sociedade grafocêntrica como é a que vivemos, alijar o aluno dessa realidade significa condená-lo ao ostracismo e à beira da sociedade. Juntar forças e recursos na formação desse leitor polivalente deve ser um dos mais importantes passos da nossa sociedade, visto que é com a falta de capacidade de leitura que muitos dos nossos problemas sociais e econômicos iniciam-se.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir sobre a formação de leitores literários nos anos iniciais requer um conhecimento profundo sobre a realidade vivida dentro das salas de aula, isto é, enxergar o ensino a partir da visão de quem o promove, neste caso, os professores. Nessa perspectiva, para compreender esse processo de formação, é necessário, sobretudo, analisar as estratégias adotadas pelos docentes em sala de aula. E este foi o ponto central desta pesquisa: analisar as práticas docentes quanto ao processo de formação de alunos leitores.

Analisar a educação a partir da ótica docente requer a compreensão de que serão encontradas grandes diferenças nas concepções de cada professora, a partir disso, é importante entender que embora sejam divergentes, cada concepção deve ser validada e considerada, visto que é a partir de cada detalhe singular que se chega a uma visão geral e ampla do fazer educativo.

Ao longo de toda construção deste trabalho foram percebidos diversos aspectos educacionais que muitas vezes nos passam despercebidos. Ao analisarmos o processo de ensino e aprendizagem a partir da perspectiva dos professores, é possível perceber como suas concepções educacionais refletem na formação de seus alunos. Contudo, ao fazermos uma observação mais crítica, podemos notar como a formação dessas professoras interferem ou influenciam na forma como estas produzem o conhecimento. Entender o processo educativo como responsável não só pela formação escolar, como também pela formação social, é importante para que se possa compreender a necessidade de atualização dos métodos educativos, ou seja, buscar aprimorar seus conhecimentos para além da sua formação inicial.

A formação de leitores literários é uma questão que ultrapassa os muros escolares, no entanto é dentro destes muros que são dados os primeiros e primordiais passos para uma vida leitora. A partir da análise dos dados colhidos nesta pesquisa, foi possível construir uma visão baseada em fatos da realidade de aula acerca do que é preciso para tornar o ensino de leitura e escrita uma prática presente na formação dos alunos de escolas públicas.

Muitas são as limitações encontradas pelos professores no cotidiano escolar, construir um ambiente propício ao ensino se tornou mais uma tarefa atribuída aos docentes. Entretanto, a necessidade de inovação nas estratégias de ensino é um aspecto imprescindível para potencializar o aprendizado dos alunos, mas estar sempre consonância com as práticas atuais de ensino é uma característica que nem todos os

professores buscam desenvolver, a comodidade daquilo que é obsoleto se torna o caminho mais fácil a seguir.

No que tange ao processo de formação de leitores literários, a busca por inovações no processo de ensino se configura como um dos principais aspectos para a formação do aluno leitor. É de extrema importância que o professor enquanto formador, compreenda que formar leitores está muito além da alfabetização, é preciso que ele perceba a leitura a partir de seu aspecto social para que seja possível incutir na mente de seus alunos que ler é uma prática que não se restringe somente à escola, mas que se trata de uma prática social que permite a compreensão e a interação em uma sociedade letrada.

Cumpramos reforçar que a escola e o professor não são os únicos responsáveis pela formação e pelo gosto literário, mais ainda, a sociedade como um todo e o poder público que dá suporte ao trabalho da escola, tanto no que diz respeito à formação de leitores quanto no trabalho das outras matérias do currículo escolar. A presença dessas entidades no aprendizado e na formação de todos é fundamental para que o trabalho de formação de cidadão possa ocorrer com sucesso.

Por fim, é importante refletirmos sobre a questão da leitura em sala de aula a partir do pressuposto de que esta prática contribui para o desenvolvimento não somente do aluno como um ser individual, mas sim em seu crescimento em uma escala social, ou seja, a leitura é uma porta que leva ao desenvolvimento de uma sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para a literatura. **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004.

BARROCO, José Alves. **As bibliotecas escolares e a formação de leitores**. 2004. 258 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Minho, Braga, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris et al. Leitura e mediação pedagógica. **São Paulo: Parábola**, 2012.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Primeiro e segundo ciclos. Brasília: MEC\SEF, 1997.

CASTRO, Ramón Peña. Escola e mercado: a escola face à institucionalização do desemprego e da precariedade na sociedade colocada ao serviço da economia. **Perspectiva**, v. 22, n. 1, p. 79-92, 2004.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COSSON, Rildo. **Círculo de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto 2019.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. – 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 1999..

FERNANDES, Eliane Marquez da Fonseca. Leitura e mediação pedagógica junto a alunos de letras. *In*: BORTONI-RICARDO, Stella Maris (org.). **Leitura e mediação pedagógica**. São Paulo: Parábola, p. 205 – 220, 2012.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. Literatura infantil: Um percurso em busca da expressão artística. *In*: GREGORIN FILHO, José Nicolau; PINA, Patrícia Kátia da Costa; MICHELLI, Regina Silva. (Orgs) **A leitura infantil e juvenil hoje: múltiplos olhares, diversas leituras**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2011. p. 12- 25.

KLEBIS, Carlos Eduardo de Oliveira. Leitura na escola: problemas e tentativas de solução. *In*: SILVA, Ezequiel Theodoro da (org.). **Leitura na escola**. São Paulo: Global, 2008. p. 33 – 45.

LOMBARDI, R. F.; ARBOLEA, T. A. Estratégias de Leitura nos Parâmetros Curriculares Nacionais, São Paulo, p. 2873 – 2880, 2006.

PSZCZOL, Eliane. O papel do Proler em uma Política Nacional de Leitura. *In*: SILVA, Ezequiel Theodoro da (org.). **Leitura na escola**. São Paulo: Global, 2008. p. 11 – 32.

SILVA, Antonieta Mírian de Oliveira Carneiro; SILVEIRA, Maria Inez Matoso. Letramento literário na escola: desafios e possibilidades na formação de leitores. **Revista Eletrônica de Educação de Alagoas**, v. 1, n. 01, p. 92-101, 2013.

SILVA, Ezequiel Theodoro da (Org.). **Leitura na escola**. São Paulo: Global, 2008.

SILVEIRA, Éderson Luís; BATISTA, Marcos dos Reis (Orgs.). **Ensino de literatura e leitura literária**: desafios, reflexões e ações. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. - 3. ed. São Paulo: Lucena, 2015;

SOUZA, Helen Danyane S. Caetano; SERAFIM, Mônica de Souza. A mediação da leitura na educação infantil: onde a leitura de mundo precede a das palavras. *In*: BORTONI-RICARDO, Stella Maris (org.). **Leitura e mediação pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012. p. 19 – 41.

VICCINI, Carla Gabriele. Professor mediador, aluno leitor. *In*: X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2011, **Anais...** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011, p. 14605-14612.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário utilizado na pesquisa

Questionário utilizado para a produção de monografia com o tema: A formação de leitores literários na cidade de Codó – MA Autora: Irla Soares Maranhão

1. Seu nome? (Não será divulgado, utilizo apenas para fins de organização)
 2. Qual sua formação inicial?
 3. Há quanto tempo exerce a profissão?
 4. Em que séries leciona atualmente?
- VI. Como você costuma trabalhar o texto literário em sala de aula?
- VII. De que modo você costuma organizar as leituras coletivas feitas em sala?
- VIII. Quais ferramentas você costuma utilizar para trabalhar a literatura?
- IX. Que técnicas você utiliza para incentivar o aluno a se interessar pela leitura?
- X. Para você, como o governo (secretaria de educação) pode agir para incentivar a leitura em nossa cidade?